



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS DE JATAÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



**ETNOBOTÂNICA NO CERRADO: UM ESTUDO NO ASSENTAMENTO
SANTA RITA, JATAÍ (GO)**

JORDANA REZENDE SOUZA LIMA

JATAÍ (GO)

2013

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)
BSCAJ/UFG**

L732e Lima, Jordana Rezende Souza Lima.

Etnobotânica no cerrado[manuscrito]: um estudo no Assentamento Santa Rita, Jataí (GO)/ Jordana Rezende Souza Lima. - 2013.

xv, 87 f. : il.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Raquel Maria de Oliveira; Co-orientadora: Luzia Francisca de Oliveira

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí, 2013.

Bibliografia.

Inclui lista de ilustrações, tabelas, siglas e abreviaturas.

Apêndices.

1. Etnobotânica. 2. Cerrado – Conservação. 3. Assentamento Rural. 4. Jataí (GO). I. Título.

CDU: 574.3 (817.3)

JORDANA REZENDE SOUZA LIMA

**ETNOBOTÂNICA E ETNOECOLOGIA DO CERRADO: UM ESTUDO NO
ASSENTAMENTO SANTA RITA, JATAÍ (GO)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia / PPGGEO - *Stricto Sensu* - Universidade Federal de Goiás - Campus Jataí/CAJ-UFG, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Organização do espaço nos domínios do Cerrado brasileiro.

Orientador (a): Raquel Maria de Oliveira

Co-Orientador (a): Luzia Francisca de Souza

JATAÍ/GO

2013

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO
PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS
(TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ **Dissertação** ☐ **Tese**

2. Identificação da Tese ou Dissertação

Autor (a):	Jordana Rezende Souza Lima				
E-mail:	jojousouzalima@gmail.com				
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	☒ Sim ☐ Não				
Vínculo empregatício do autor:	Professora Substituta da UFG - CAJ				
Agência de fomento:	CAPES			Sigla:	CAPES
País:	Brasil	UF:	GO	CNPJ:	
Título:	Etnobotânica no Cerrado: um estudo no Assentamento Santa Rita, Jataí (GO)				
Palavras-chave:	Etnoconhecimento, conservação, população tradicional				
Título em outra língua:					
	Ethnobotany in the Cerrado: a study at Santa Rita Settlement, Jataí (GO)				
Palavras-chave em outra língua:	Ethnoknowledge, traditional population, conservation.				
Área de concentração:	Análise Ambiental				
Data defesa:	19/04/2013				
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Geografia				
Orientador (a):	Raquel Maria de Oliveira				
E-mail:	raquelmo.oliveira@gmail.com				
Co-orientador (a):*	Luzia Francisca de Souza				
E-mail:	lufs_gq@yahoo.com.br				

*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

Data: 19 / 06 / 2013

Assinatura do (a) autor (a)

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Jordana Rezende Souza Lima

TÍTULO: ETNOBOTÂNICA NO CERRADO: um estudo no assentamento santa Rita, Jataí (GO)”.

Dissertação DEFENDIDA e APROVADA em 19 de abril de 2013, pela banca examinadora constituída pelos membros:

Profa. Dra. Luzia Francisca de Souza

Coorientadora

Presidente – CAJ/UFG

Prof. Dr. Francisco José Bezerra Souto

Membro externo – UFFS

Prof. Dr. Frederico Augusto Guilherme

Membro interno – CAJ/UFG

Jataí - Goiás

Brasil

*Ao meu querido avô Levi Alves Souza e
minha amada avó Lázara Rezende de
Souza, que para mim são símbolos de
inspiração, amor, respeito e cuidado.
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia dessa Universidade, pela oportunidade, e por ter contribuído com minha formação profissional.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão de bolsa para financiamento da pesquisa, durante todo o período do mestrado.

A Professora Zilda Mariano de Fátima, com a qual iniciei meus trabalhos nesse Curso de Pós-Graduação, pela amizade, por ter apostado em mim, e me acompanhado desde a graduação.

A Professora Raquel Maria de Oliveira, minha orientadora, pelos valorosos direcionamentos, os quais foram fundamentais para a concentração e foco na pesquisa, e por ter me ajudado encontrar meu lugar no meio científico. Agradeço também pela confiança, dedicação e cuidado, pelos conselhos e horas de conversas, por ter chorado e sorrido comigo, enfim por ser quem eu precisava que fosse em cada momento da nossa caminhada.

A Professora Luzia Francisca de Souza, por ter aceitado o convite para co-orientação desta pesquisa; por ter me ensinado tanto e compartilhado comigo seus conhecimentos e experiências que foram de muita valia para o enriquecimento dessa pesquisa.

A valiosa contribuição dos Professores Frederico Augusto Guilherme e Francisco José Bezerra Souto que colaboraram consideravelmente para a melhoria desta pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia, por terem colaborado com meu aprendizado e com a construção do meu caminho do conhecimento, e que além de tudo, estiveram sempre dispostos a me ajudar quando necessário.

A secretária do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Kênia Eliane, por todos os serviços prestados, toda ajuda e também pelo ombro amigo.

A Deus, pois sem Ele, a realização desse e de todos os meus sonhos não teria sido possível. Creio que Ele pejeja por mim e sempre me fortalece.

Aos colegas que se tornaram amigos: Alécio, Mariana, Mainara, Roberto, Luciana, Luline, Rejane e Vilson. Esses foram amigos na hora da alegria e da tristeza, na saúde e na doença, nos estudos e na diversão; agradeço pela dedicação, apoio, companheirismo, pelos porres coletivos, pelos risos, pelo choro, e principalmente pela amizade. Obrigado por fazerem parte da minha vida.

A Mainara, especialmente, por ser companheira de todas as horas, por ser um exemplo de determinação, por ser essa mulher guerreira, meiga e doce ao mesmo tempo, saiba que aprendi muito com você.

Aos meus colegas de mestrado que de uma forma ou de outra colaboraram com esse trabalho também: Roberta, Michaela, Fernanda, Andreia, Susi, Michelle, Cinara, Alexandrina, Vander, Vanito e Uilton.

Ao Gabriel, mestrando desse programa, por me poupar horas de trabalho, me ajudando com os nomes científicos das plantas.

Aos motoristas da Universidade: Neto, Daniel, Assis e Divino, que sempre nos conduzia aos trabalhos de campo, e fazia com que retornássemos em segurança; sempre me ajudando e me acompanhando nas entrevistas.

A minha parentela que sempre esteve ativa e fielmente me ajudando, me fortalecendo e torcendo por minha vitória e sucesso, e principalmente por terem cuidado dos meus filhos nos momentos em que estive ausente. Dando a eles carinho, atenção enquanto eu não estava presente para dar; zelando e alimentando-os quando eu não podia fazê-los.

Ao meu avô Levi e minha avó Lázara, por terem compartilhado comigo sua sabedoria, seus conhecimentos e suas experiências que me levaram a persistir e acreditar na importância desse trabalho ainda com mais paixão, e acima de tudo por serem minha fonte de inspiração e de força. Eles são exemplos de vida a serem seguidos, anjos que Deus colocou na terra para me ensinar e me proteger, e que têm feito isso desde que nasci até os dias de hoje, e que farão até o findar de nossas vidas aqui. Agradeço infinitamente por serem meu porto seguro e por representarem as minhas raízes, não cansarei de dizer o quanto são importantes na minha vida.

A minha mãe Ana Claudya, por ter me dado a vida, por ter me capacitado e encorajado a subir cada degrau que subi na escada da vida.

Ao meu esposo Fausto, por estar na minha vida, um presente que recebi de Deus pelo qual agradeço todos os dias. Por ser esse homem maravilhoso que é, por ser pai dos meus filhos, meu eterno namorado e amante, meu amigo. Pela paciência e compreensão, pela colaboração, pelo carinho e atenção. Por ter suprido minha ausência junto aos nossos meninos. Por ter e ainda estar sonhando, planejando, e construindo juntos, o nosso futuro.

Aos meus filhos, pois aprendo a cada dia algo novo, a me ensinar que a vida deve ser vivida com mais doçura, e sei que tenho muito ainda a aprender.

A comunidade do Assentamento Santa Rita, pois sempre me receberam prontamente e contribuíram significadamente para a construção dos resultados aqui apresentados. Pelo acolhimento, pelas comidas gostosas, as quais me faziam valorizar ainda mais o que é simples. Sem todos vocês a concretização desse trabalho não seria possível.

A todos que participaram de alguma forma, direta ou indiretamente, da realização dessa pesquisa, mesmo que não citados pessoalmente.



Obrigada!!!

AGRADECIMENTO ESPECIAL

A comunidade do Assentamento Santa Rita, a todos os informantes sobre as plantas e todos os outros colaboradores que, através da transmissão do saber e fazer, foram fundamentais para o enriquecimento desta pesquisa.

Faço uma homenagem ao casal Sra. Maria José (*in memorian*) e Sr. Suair Tairone, moradores do Assentamento Santa Rita, pessoas fundamentais para essa pesquisa, com as quais eu aprendi muito, vendo o apego e o zelo que possuíam com aquele pedaço de terra chamado de lar. Pessoas que sempre me recebiam com um enorme sorriso no rosto, mesmo passando por todas as peças que a vida pregou, as quais guardarei sempre no meu coração. Vocês são muito especiais para mim.



Obrigada!!!

*Lembrar não é reviver,
mas refazer, reconstruir,
repensar com imagens e
ideias de hoje, as
experiências do passado. "*

Bosi (2007)

Resumo

A etnobotânica representa uma importante ciência de interface que contribui para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. Essa ciência busca analisar e enfatizar o conhecimento tradicional das populações locais sobre a flora e fauna, bem como a utilização desses recursos ambientais em seu cotidiano. Conhecer esses elementos e saber como podem ser úteis nas suas vidas reforça sua ligação com os biomas regionais. Considerando a estreita ligação das comunidades assentadas com a terra e do saber ambiental que as mesmas detêm, bem como da necessidade de conservação do bioma Cerrado, este estudo pretende resgatar o etnoconhecimento da comunidade do Assentamento Santa Rita, no município de Jataí (GO), contribuindo para a conservação do bioma Cerrado, utilizando como pressupostos metodológicos a análise do grau de apropriação do uso das plantas nativas pela comunidade desse assentamento. A metodologia utilizada é baseada na pesquisa quali-quantitativa, apropriando-se do método etnográfico. As técnicas abrangem entrevistas, observações diretas, trabalho de campo, registro fotográfico, oficina, turnês-guiadas e caderneta de campo. Os resultados demonstram que foram identificadas oitenta e três plantas através das entrevistas realizadas com os assentados; foram identificadas quarenta e sete espécies através de percursos em áreas de vegetação nativa, acompanhados de uma especialista; cento e vinte e sete plantas foram reconhecidas pelos assentados quando levados em campo durante as turnês-guiadas. As plantas identificadas pelos assentados foram classificadas em etnocategorias, destas as de maior destaque foram as de uso medicinal e madeireiro. Por meio de análise dos dados obtidos, concluiu-se que as plantas são utilizadas de diferentes formas, principalmente para chás e a queima de madeira. O maior número de plantas foi encontrado nas pastagens. Os participantes identificaram maior número de plantas em seu ambiente natural do que na bancada de frutos e sementes. A família botânica de maior destaque foi a Fabaceae, e dentro desta também se destacou as espécies de uso madeireiro, e a parte mais utilizada dessas plantas é o lenho. Nos aspectos identificação, número de citações e número de categorias de uso indicadas, o jatobá-da-mata obteve destaque. Considera-se que a comunidade assentada detém um alto conhecimento em relação ao seu ambiente, o que pode ser justificado pela origem dessas pessoas, já que 91% dos participantes sempre moraram no campo ou residiram na cidade, mas são de origem camponesa e os avós e pais foram trabalhadores rurais ou proprietários de terras. A partir destas observações verifica-se que o valor do conhecimento vai muito além da academia, pois aquele que é repassado de geração a geração, através das populações tradicionais, neste caso os camponeses, mantém informações que muitas vezes se perdem juntamente com a fragmentação dos biomas, deixando uma grande lacuna de valiosas informações.

Palavras-chave: Etnoconhecimento, população tradicional, conservação.

Abstract

Ethnobotany represents an important science interface that helps the conservation and sustainable use of biodiversity. This science aims to analyze and emphasize the traditional knowledge of local populations about fauna and flora, and the utilization of these environmental resources in their daily life. Knowing these elements and how they might be useful in their lives reinforces its connection with the regional biomes. Considering the close connection of settled communities with land and environmental knowledge that they hold, as well as the need for conservation of the Cerrado biome, this study intends to redeem the ethnoknowledge of community of Santa Rita Settlement in Jataí (GO) contributing to the conservation of the Cerrado biome, using methodological assumptions as the analysis of the degree of ownership of the use of native plant community of this settlement. The methodology is based on qualitative and quantitative research, appropriating the ethnographic method. The techniques include interviews, direct observations, field work, photographic registration, workshop, guided-tour and field notebook. The results show that eighty-three plants were identified through interviews with the settlers; forty-seven species were identified through courses in areas of native vegetation, together with an expert; a hundred and twenty-seven plants were recognized by the settlers when taken in the field during the guided-tour. The plants identified by the settlers were classified in ethnocategories, from these the most prominent were the ones of medicinal and timber use. Through analysis of the obtained data, it was concluded that the plants are used in different forms, especially for burning wood and teas. The largest number of plants was found in the pasture. The participants identified a higher number of plants in their natural environment than on the countertop of fruit and seeds. The most outstanding botanical family was Fabaceae, and within this also excelled species of timber use, and the most used part of these plants is the wood. In the aspects identification, number of citations and number of use of indicated categories, the Jatoba-da-mata was highlighted. It is considered that the settled community has a high knowledge related to their environment, what can be justified by the origin of them, since 91% of the participants had always lived in the country or resided in the city, but are of peasant origin and grandparents and parents were workers or landowners. From these observations it is found that the value of knowledge goes far beyond academy, because the one that is passed on from generation to generation through traditional populations, in this case peasants, keeps information that often get lost along with the fragmentation of biomes, leaving a large gap of valuable information.

Keywords: Ethnoknowledge, traditional population, conservation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 01- Localização do município de Jataí, microrregião Sudoeste de Goiás.....	36
Mapa 02- Localização do Assentamento Santa Rita, município de Jataí (GO).....	37
Mapa 03- Projeto de Assentamento Santa Rita, Jataí (GO): Vegetação.....	38
Gráfico 01- Faixa etária dos participantes do Assentamento Santa Rita.....	44
Gráfico 02- Tempo de residência, em anos, dos moradores do Assentamento Santa Rita.....	45
Foto 01- Artesanatos produzidos por assentada com matéria prima extraída do Cerrado, Assentamento Santa Rita.....	50
Foto 02- Artesanatos produzidos por assentada com matéria prima extraída do Cerrado, Assentamento Santa Rita.....	51
Foto 03- Oficina “Coleta de Sementes e Produção de Mudanças”, no Centro Comunitário do Assentamento Santa Rita (a e b).....	57
Foto 04- Assentados confeccionando saquinhos de papel para mudas durante oficina.....	58
Foto 05- Bancada de sementes e frutos do Cerrado montada na oficina.....	60
Foto 06- Fruto da planta pata-de-vaca (<i>Bauhinia forficata</i>) à esquerda; e fruto da planta angico (<i>Anadenanthera colubrina</i>) à direita.....	60
Foto 07- Vista aérea do primeiro percurso, Lote 13, Assentamento Santa Rita.....	63
Foto 08- Vista externa da mata de galeria no Lote 19, Assentamento Santa Rita.....	64
Foto 09- Leito seco da mata de galeria no Lote 19, Assentamento Santa Rita.....	64
Foto 10- Área do segundo percurso, Lote 13, Assentamento Santa Rita.....	65
Foto 11- Vista aérea do segundo percurso, Lote 13, Assentamento Santa Rita.....	65
Quadro 01- Espécies nativas de Cerrado encontradas no Assentamento Santa Rita e identificadas por especialista, conforme Herbário Jataiense (HJ). Áreas: 1-Ecótono/ Mata de Galeria; 2- Brejo/Mata de Galeria.....	66
Gráfico 02- Proporção de plantas por etnocategorias de usos identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.....	74
Gráfico 03- Proporção de plantas por formas de usos identificadas pelos moradores do Assentamento Santa Rita.....	75
Gráfico 04- Proporção de plantas encontradas por área, identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.....	76
Gráfico 05- Proporção de plantas encontradas por área, identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.....	78

Gráfico 06- Partes utilizadas das plantas identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.....	78
--	----

LISTA DE TABELA

Tabela 01- Preferência de frutos do Cerrado entre os moradores do Assentamento Santa Rita.....	48
Tabela 02- Finalidade das plantas citadas pelos participantes do Assentamento Santa Rita...	52
Tabela 03- Plantas citadas pelos moradores do Assentamento Santa Rita (Freq.= porcentagem de participantes que citaram a espécie).....	52
Tabela 04- Animais do Cerrado vistos pelos assentados na área do Assentamento Santa Rita. (Freq.= porcentagem de participantes que citaram o animal).....	55
Tabela 05- Modo de identificação utilizado pelos participantes do Assentamento Santa Rita no reconhecimento das plantas na Bancada de Sementes e Frutos.....	59
Tabela 06- Frequência da identificação de plantas nativas do Cerrado feita pelos participantes da Oficina “Coleta de Sementes e Produção de Mudas” no Assentamento Santa Rita (N=36).....	61
Tabela 07- Plantas identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita através das turnês-guiadas. Onde: PC=parte citada, lenha=LE, alimentício=AL, medicinal=ME, melífera=ML, ornamental=OR, construção=CS, tecnologia=TC, outros usos=OU, zootécnica=ZO, cosmético=COS, tóxica=TX, N.I.=não identificado.....	70

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APP	Área de Preservação Permanente
CBERS	China-Brazil Earth Resources Satellite
CPT	Comissão Pastoral da Terra
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
ISPN	Instituto Sociedade, População e Natureza
LANDSAT	Land Remote Sensing Satellite
MLT	Movimento de Luta pela Terra
MMA	Ministério do Meio Ambiente
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
MT	Movimento da Terra
POLOCENTRO	Programa de Desenvolvimento dos Cerrados
PRODECER	Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento dos Cerrados
RL	Reserva Legal
SFB	Sistema Florestal Brasileiro
UCs	Unidades de Conservação
WWF	World Wildlife Fund for Nature ou Fundo Mundial para a Natureza

SUMÁRIO

Introdução	18
2. Objetivos	23
2.1. <i>Objetivo Geral</i>	23
2.2. <i>Objetivos Específicos</i>	23
3. Referencial teórico	24
3.1. <i>Populações humanas locais e sua interação com o ambiente</i>	24
3.2. <i>A comunidade assentada e a reforma agrária</i>	26
3.3. <i>A etnobotânica e o etnoconhecimento em âmbito nacional</i>	27
3.4. <i>Cerrado: características e a importância da conservação</i>	29
3.5. <i>Desmatamento do Cerrado e as consequências para as comunidades locais</i>	32
4. Materiais e métodos	35
4.1. <i>Descrição da área de estudo</i>	35
4.1.1. <i>Assentamento Santa Rita, Jataí (GO)</i>	36
4.2. <i>Seleção dos participantes</i>	40
4.3. <i>Pressupostos metodológicos</i>	40
4.3.1. <i>Conhecendo o Assentamento</i>	41
4.3.2. <i>As entrevistas</i>	41
4.3.3. <i>Troca de saberes: oficina</i>	42
4.3.4. <i>Desenvolvendo turnês-guiadas</i>	43
5. Resultados e discussão	44
5.1. <i>Caracterização da comunidade</i>	44
5.2. <i>O etnoconhecimento no Assentamento Santa Rita</i>	47
6. Considerações finais	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
APÊNDICE A	87

Introdução

A etnobotânica representa uma importante ciência de interface que pode contribuir para a conservação e o uso sustentável da biodiversidade. Segundo Albuquerque (2008) essa ciência é muito promissora no que se refere ao fornecimento de subsídios para a análise da sustentabilidade de recursos naturais. Aliando o conhecimento das populações locais com as pesquisas científicas voltadas para o manejo sustentável dos ecossistemas tropicais pode-se encontrar soluções para o uso sustentável desses ecossistemas.

Tal ciência também busca analisar e enfatizar o conhecimento tradicional das populações locais sobre a vegetação, bem como sua utilização em seu cotidiano. O conhecimento adquirido e repassado de geração a geração, promove uma relação homem e meio que pode vir a colaborar com a melhoria da qualidade de vida. Conhecer os elementos da flora e/ou fauna e saber como esses podem ser úteis em suas vidas reforça a ligação das populações com os biomas regionais. Quando os biomas são fragmentados ou totalmente eliminados, perde-se, dentre tantas outras funções ecossistêmicas, a riqueza representada pelos recursos ambientais, dos quais se poderia fazer o uso sustentável.

Seja em escala mundial e/ou nacional, o Cerrado está entre os primeiros biomas mais ameaçados, pois o ritmo de degradação deste bioma tem-se intensificado nas últimas três décadas. O Cerrado possui grande riqueza de espécies florísticas e faunísticas, atualmente em risco de extinção, devido à redução das áreas deste bioma que é alarmante.

As Unidades de Conservação (UCs) no Cerrado são insuficientes, segundo o Ministério do Meio Ambiente (2007) a situação atual é extremamente grave, pois é estimado que menos de 5% da área total dos biomas Cerrado e Pantanal estejam incluídas em algum tipo de UCs, seja esta de uso direto ou indireto ou mesmo de propriedade pública ou privada. e, aquelas que já existem, não são totalmente eficazes, pois estão à mercê de diversas ameaças, tais como o desmatamento, e os incêndios quando são acidentais ou criminosos. Segundo a WWF Brasil (2011), o Cerrado já perdeu mais da metade de sua vegetação original e ainda assim é um grande fornecedor de água para o Brasil.

A região Centro-Oeste, especificamente o estado de Goiás, área *core* do Cerrado, passou por um intenso processo de expansão agrícola nos anos de 1980, com o aumento da produção de grãos em grandes áreas. A partir do incentivo do governo federal, foram criados formas de apoio, tais como: Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (POLOCENTRO) e o Programa de Cooperação Nipo-Brasileira de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER).

Segundo Gobbi (2004) esses programas possibilitaram promover a capitalização da agricultura no Cerrado.

A produção em grande escala só foi possível a partir da mecanização das atividades agrícolas, da tecnologia de ponta e do uso abusivo de insumos agrícolas. Esse processo acarretou diversos problemas ambientais, como diminuição na vazão dos cursos d'água, perda de fertilidade e erosão dos solos, além de mudanças no regime de chuvas, e erosão da biodiversidade do Cerrado. Por exemplo, segundo Perini (2007), o uso da água para irrigação das lavouras e para a criação de animais causam profundas transformações na paisagem e na disponibilidade e acessibilidade aos recursos naturais.

Outro impacto gerado pela mecanização do campo e pelas monoculturas foi a expulsão do pequeno agricultor, muitos deles migraram para as cidades, causando o inchaço populacional e servindo de mão de obra barata para a indústria e comércio, sendo que outros permanecem desempregados (SACHS, 2001). Expulsos de suas terras, exercendo outras funções nas cidades, as populações rurais perdem sua ligação direta com a terra e seus elementos; seu conhecimento deixa de ser repassado e o Cerrado perde espaço e importância diante do novo contexto rural regional, baseado no agronegócio.

Bergamasco (1997) também relata alguns resultados perversos da modernização do campo; os quais podem ser constatados pela formação de uma classe de assalariados rurais com baixíssimo poder de compra, pelo desemprego, especialmente o desemprego sazonal, pela precariedade das condições de trabalho e pela exclusão social, o que levou mais de 28 milhões de pessoas a deixarem o campo em direção às cidades, entre 1960 e 1980.

Esta precarização das condições de vida e de trabalho de milhões de pessoas resultou no fortalecimento da organização política dos trabalhadores (BERGAMASCO, 1997). Então, o homem do campo que foi expulso de sua terra se uniu aos movimentos sociais em defesa da Reforma Agrária. No entanto, segundo Benincá (2009), o sistema de distribuição de terra, realizado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), muitas vezes não contempla terras agricultáveis ou próprias para a pecuária, geralmente possuem altos índices de declividade, os solos são pobres, e o quadro socioeconômico e cultural das comunidades assentadas os coloca em dificuldade de acesso a renda e informação. Assim, muitas vezes, o homem do campo e sua prole rompem seus elos, tanto com sua cultura como sua ligação direta com o meio.

A situação do Cerrado é bastante crítica e preocupante. Mesmo os recentes esforços do Ministério do Meio Ambiente (MMA) de identificar áreas prioritárias para a conservação e iniciar um processo de organização do conhecimento sobre a biodiversidade do bioma não

tem sido capazes de conter a atual tendência ao desaparecimento do Cerrado. Estima-se que o bioma deverá ser totalmente destruído até o ano de 2030, caso as tendências de ocupação continuem causando uma perda anual de 2,02 milhões de hectares de áreas nativas (MACHADO *et al.*, 2004).

Segundo Mendonça & Pelá (2011) no Cerrado encontra-se, além da rica biodiversidade, os principais aquíferos subterrâneos, o que os torna indispensáveis para a segurança hídrica de milhões de pessoas, garantindo a produção da vida em grande parte da América do Sul. Ainda relata que até meados do século XX o Cerrado era considerado um bioma com solos pobres e improdutivos, vegetações deformadas e feias e o lugar dos tempos lentos – tempo das instituições, das firmas e dos homens hegemonizados – que deveriam ser transformados conforme as necessidades da modernidade.

Junto com o bioma, o conhecimento popular sobre as plantas do cerrado, está se perdendo; as populações tradicionais que lidam e conhecem as plantas e o uso que pode ser feito destas, estão abandonando os conhecimentos que antes eram repassados de geração a geração. Esse fato se dá não por opção, mas, segundo Shiva (2003) a visão globalizadora faz com que o saber local desapareça, negando-lhe o *status* de um saber sistemático, sendo qualificado como primitivo e anticientífico.

Para Mendonça & Pelá (2011) deve-se compreender que o Cerrado não é composto apenas de biodiversidade, mas também da sociodiversidade e que, por conseguinte, não foram apenas as suas riquezas naturais e biológicas que sofreram alterações, mas a cultura e a memória dos povos que ali habitavam. Em um período histórico denso e curto as estruturas materiais e as socioespaciais foram alteradas, pois o que era rural transformou-se em agrícola.

Mesmo sob a influência do sistema capitalista, existem comunidades – pequenos agricultores, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, entre outros – onde o saber local e tradicional sobre as plantas e animais dos ecossistemas nativos, ainda são preservados e utilizados em seus cotidianos. Os integrantes destas comunidades utilizam plantas do cerrado, seja na alimentação, saúde e/ou artesanato, que, além de gerar renda, ainda estabelece uma relação de conservação com os elementos naturais da paisagem.

Segundo Carvalho (2010) “[...] estudos e debates relacionando assentamentos rurais e a questão ambiental são recentes, mas vêm se intensificando [...]”, isso porque “[...] nas últimas décadas, os movimentos sociais do campo aproximaram-se da ‘causa’ ambiental, devido a motivos que vão desde a estratégia de luta política até as vantagens comparativas de uma agricultura ecológica”.

Os pequenos agricultores representados pelos assentados de reforma agrária compõem um quadro singular em Goiás, isso porque segundo o Cerrado goiano é um território em disputa, por diferentes grupos sociais, políticas e visões de mundo; e está ameaçado de destruição pelas formas de uso e exploração da terra, intensificadas nas últimas décadas, pelo *agrohidronegócio*. Enfim, o Cerrado goiano encontra-se em uma encruzilhada de tempos e é um mosaico de territórios em disputa, onde se assiste a estratégias diversas dos setores hegemônicos do capital e as *(Re) Existências* dos cerradeiros na luta pela terra, pela reforma agrária, contra as barragens, dentre outros (MENDONÇA & PELÁ, 2011, grifo do autor).

As primeiras disputas territoriais em Goiás segundo Mendonça (2004) se iniciaram com a chegada dos bandeirantes e a consequente expulsão dos povos indígenas no início do século XVIII; daí em diante as lutas pela terra foram corriqueiras, se intensificando em meados do século XIX.

A partir da década de 70, segundo Menezes Neto (1997), posseiros isolados, desabrigados de barragens e outros agricultores exilados nas cidades começaram a se organizar em ocupações em torno de fazendas e pressionarem, através da formação de movimentos sociais, a constituição de assentamentos rurais.

A ocupação e apropriação do Cerrado goiano são resultantes das relações humanas que, por conseguinte, espelham as suas histórias de vida, grafando-as nos territórios. E, assim, ora o Cerrado goiano é objeto de exploração, ora é objeto de preservação; ora é tradicional, ora é contemporâneo, demonstrando as contradições entre normas e vidas (MENDONÇA & PELÁ, 2011).

São esses sujeitos, os povos do cerrado, os marginalizados pela expropriação do capital, que lutam ainda hoje pela permanência na terra e ao menos, por condições mínimas de sobrevivência.

Para Mendonça & Pelá (2011) na sociedade capitalista contemporânea, permeada pela velocidade crescente na busca permanente das condições de produção do lucro, a natureza exteriorizada é vista apenas como produtora de mercadorias. Já os povos cerradeiros e aqueles que partilham da perspectiva integrada possuem uma visão diferenciada da natureza, esta é vista em sua totalidade, pois não há separação ente o material e o imaterial, mas um permanente e incessante diálogo que assegura a vida plena e a permanência na terra.

Considerando a estreita ligação das comunidades assentadas com a terra e do saber ambiental que as mesmas detêm, bem como da necessidade de conservação do bioma Cerrado para a qualidade de vida das comunidades assentadas, essa pesquisa etnobotânica se faz

necessária para o resgate do conhecimento tradicional que está sendo perdido, visando contribuir para a conservação do referido bioma e da cultura regional.

2 Objetivos

2.1. *Objetivo Geral*

Este estudo pretende resgatar o etnoconhecimento da comunidade do Assentamento Santa Rita, no município de Jataí (GO), contribuindo para a conservação do bioma Cerrado, utilizando como pressupostos metodológicos a análise do grau de apropriação do uso das plantas nativas pela comunidade desse assentamento.

2.2. *Objetivos Específicos*

- Investigar o etnoconhecimento da comunidade estudada sobre as plantas nativas do cerrado regional;
- Analisar a percepção da comunidade assentada sobre a importância de conservar o Cerrado;
- Quantificar as espécies nativas presentes na área do assentamento com potencial de uso e aquelas utilizadas pela comunidade;
- Quantificar as espécies nativas existentes nos lotes reconhecidas pelos assentados, com potencial de uso, usadas ou não.

3 Referencial teórico

3.1 *Populações humanas locais e sua interação com o ambiente*

Os sistemas locais de saber estão baseados, de acordo com Shiva (2003), na capacidade que as florestas têm de manter a vida, pois olhar para a floresta de modo fragmentado limita a capacidade de compreender todo o papel que ela desempenha, deixando de valorizar sua integridade e diversidade.

As florestas oferecem alimento e plantas medicinais para as populações tradicionais e funcionam como proteção dos solos e reguladora dos ciclos da água, além de fornecerem os suprimentos de forragem e fertilizantes, fatores esses, essenciais à agricultura, como afirma Shiva (2003). Ainda de acordo com essa autora, esse conhecimento é transmitido de geração a geração através da participação nos processos de renovação da floresta e de obtenção do sustento em seus ecossistemas.

O conhecimento sobre o ambiente que as comunidades tradicionais detêm, segundo Hanazaki (2006), podem interferir nas práticas cotidianas, e o conhecimento local acerca da vegetação, inclui também muitas plantas utilizadas com finalidades medicinais, alimentícias, para manufaturas, ornamentais, ou como alimento para fauna.

Discussões acerca do meio ambiente alcançam todas as esferas acadêmicas, políticas e civis, enfim faz parte do cotidiano da sociedade como um todo, em nível local, regional ou mundial. Segundo Carvalho (2010) muitos movimentos sociais se aproximam da causa ambiental, pois defendem uma agricultura ecológica. A combinação entre agricultura de pequena escala e conservação de ecossistemas é defendida por esse autor, o qual trabalha com as comunidades de assentamentos de reforma agrária brasileira. Este autor estudou o Assentamento Agroextrativista Americana em Grão Mogol (MG), com 18,8 mil hectares, sendo 23% de Reserva Legal (RL) e cerca de 40% destinados ao manejo agroextrativista. Lá vivem 72 famílias, porém apenas 11 praticam extrativismo e práticas agroecológicas, e retiram da vegetação nativa para autoconsumo, a madeira, frutas, e plantas medicinais. Enfim, concluiu que a comunidade agrícola representada pelos assentados é fundamental para essa conservação, visto que a agroecologia é praticada pela maioria dos agricultores familiares em seus pequenos lotes de terra.

A importância do ambiente para a população é contemplada a partir da estreita dependência que essa tem dos recursos que o ambiente oferece para a sua própria sobrevivência. Aquelas populações que não possuem essa ligação direta e dependente com a

vegetação nativa e seus recursos, possuem outros valores e visões, entendendo, muitas vezes, que a vegetação é supridora de madeira, menosprezando e se esquecendo dos recursos vegetais não madeireiros.

A produtividade, o rendimento e o valor econômico de um ecossistema são vistos de forma diferenciada pela silvicultura e pela visão ecológica. Shiva (2003) define que para as tribos e outras comunidades florestais, um ecossistema é complexo e produtivo em termos de ervas, tubérculos, fibra, patrimônio genético, entre outros, e para o explorador reducionista da silvicultura, esses elementos que compõe o ecossistema das florestas são inúteis, improdutivos e descartáveis. A autora também se refere que com a Revolução Verde, as sementes e as safras das comunidades locais foram consideradas “primitivas”, “inferiores”, “marginais” e de “má qualidade”.

Os modos de produção autóctones têm sofrido pressões em todo o mundo, pela disseminação do modelo agrícola industrial e as consequências da modernização globalizante. Está havendo uma desarticulação dos sistemas agrícolas tradicionais, que visam a subsistência de seus produtores, estão perdendo espaço para a agroindústria e outras atividades que estão crescendo no campo. Essa visível perda não acontece de modo uniforme, pois ainda há lugares que oferecem resistência e ainda persistem.

Se as antigas roças estão sendo substituídas por monoculturas altamente mecanizadas, resta ainda o quintal, o jardim, o pomar, a horta, que retratam a conservação desse modo tradicional de vida (AMOROZO, 2006).

Para Amorozo (2006), cultivar e cuidar das plantas envolve muito de afetividade. Em comunidades agrícolas tradicionais, as crianças aprendem desde quando acompanham os adultos às roças e tomam parte nas atividades cotidianas, e quem apende a plantar, não abandona o hábito tão facilmente, mesmo quando se muda para ambientes mais urbanizados.

O conhecimento tradicional das populações que possuem um elo estreito com os elementos naturais do ambiente é desprezado, além de sofrerem, em muitos casos, críticas por fazer uso de remédios caseiros, chás ou “garrafadas” e não optarem por produtos da indústria farmacêutica. Essa realidade reafirma a necessidade de compreender e registrar o conhecimento empírico detido pelas mesmas.

Guarim Neto (2008) afirma que lançar um olhar etnoecológico sobre o ambiente e as relações que dele emanam é antes de tudo, desvendar os valores escondidos em mensagens que nem sempre são percebidas, e que a sensibilidade é a base para esse entendimento.

Apenas recentemente o tema da relação entre a etnobotânica e os níveis orgânicos, morfologia, metabolismo e biogeografia tem sido abordado. Os povos, sejam indígenas ou de

comunidades autóctones, têm conseguido selecionar e agrupar espécies úteis na resolução de diferentes problemas, principalmente visando melhor qualidade de vida. Essa relação entre o etnoconhecimento e o conhecimento ocidental, proporciona uma forma mais precisa da implantação e desenvolvimento de instrumentos, apontando propostas de uso sustentável, com ação direta da comunidade (SOUZA, L. F. 2009).

3.2 A comunidade assentada e a reforma agrária

A força do capital e a expansão desse sistema oprimem as menores classes que ainda permanecem lidando com a terra ou que ainda querem voltar a viver da terra. Essa necessidade fez com que surgissem grupos organizados de pessoas que constituíram movimentos sociais de luta pela terra. Fernandes (2000) registrou a existência de quinze movimentos sócioterritoriais nacionalmente organizados, e outros movimentos isolados, a saber: Comissão Pastoral da Terra (CPT), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), Movimento de Luta pela Terra (MLT), Movimento da Terra (MT), entre outros.

Esses movimentos além de lutarem pela reforma agrária, propõem a autonomia dos trabalhadores, respeitando o meio ambiente, e principalmente uma agricultura voltada ao mercado interno, visto que a maior parte dos alimentos postos a mesa dos brasileiros são oriundos da agricultura familiar. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a agricultura familiar hoje é a responsável por 10% de todo o Produto Interno Bruto (PIB) do país e é responsável por até 70% dos alimentos produzidos no Brasil.

Os movimentos de luta pela terra defendem também a criação de medidas para reduzir a desigualdade social e o fortalecimento dos assentamentos já constituídos, enfim, dá continuidade a luta mesmo depois de conseguirem a terra, pois segundo Fernandes (2001) o fim da luta também significa o fim para quem luta.

No Brasil o movimento de luta pela terra já vem de longa data; em 1975 surgiu a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e em 1984 o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST). Desde então outros movimentos foram criados, alguns já se findaram outros ainda permanecem. Fernandes (2000) afirma que quando os movimentos contemplam objetivos mais amplos, que não sejam apenas resolver o próprio problema, mas inserir-se no processo de luta, e as lideranças promovem espaços de socialização política, para a formação de novas lideranças e experiências, a tendência é de desenvolvimento da forma de organização, espacialização e territorialização.

Através dos movimentos de luta pela terra os sujeitos passam a ser acampados e posteriormente passam a ser assentados. Mas entre uma condição e outra os sujeitos envolvidos nesse processo desenvolvem uma grande trajetória de lutas, dificuldades e muito trabalho.

Pode-se perceber nos assentados uma forte ligação com o campo, pois se não fosse por isso eles não se engajariam na luta pela terra junto aos movimentos sociais.

O homem do campo é aquele que lida diretamente com a terra e com todos os elementos naturais envolvidos (água, solo e vegetação), portanto, profundo conhecedor destes elementos. Assim, enquanto estes homens se extinguem, a partir da expropriação da terra, vão se embora os conhecimentos tradicionais como também a própria integridade da água, do solo e da vegetação.

Tornam-se necessárias pesquisas que descortinem essa ligação com a terra presentes nos assentados, pois como detentores de conhecimentos e práticas tradicionais, eles representam uma ponte para a conservação do ambiente em que estão inseridos. Nos assentamentos ainda se encontram fragmentos de vegetação nativa – representados pela Reserva Legal (RL) comunitária e pelas Áreas de Preservação Permanente (APPs) – que precisam ser conservados, e é nesse local que também está reunido um grupo pequenos agricultores que são detentores de muitos saberes. Logo, através do assentado junto ao seu conhecimento, pode ser possível alcançar a etnoconservação.

3.3 A etnobotânica e o etnoconhecimento em âmbito nacional

Devido às perdas de biodiversidade associadas às mudanças climáticas, a temática ambiental tornou-se, nas últimas décadas, uma preocupação mundial aliada à compreensão de que conservar os biomas é tarefa de todas as nações e dessa ação depende o futuro comum. E dentre as ações conservacionistas, está a necessidade de entender e registrar o conhecimento das populações tradicionais, essencialmente nos países reconhecidos como biologicamente megadiversos. Para isso conta-se com os métodos oferecidos pela etnobotânica.

Segundo Steenbock (2006) a etnobotânica contemporânea procura agregar conhecimentos nas áreas de uso e manejo de plantas, agroflorestas e manejo das paisagens, antropologia cognitiva, domesticação de plantas, interpretações iconográficas, aspectos simbólicos de preparações psico-ativas, etc.; exigindo uma interação interdisciplinar e o uso de metodologias adequadas.

Para Guarim Neto (2008) os recentes estudos sobre o etnoconhecimento são vistos como base fundamental para a definição de estratégias que permitam a conservação biológica e cultural, assim como para se conhecer mecanismos utilizados por populações humanas que garantem uma melhor qualidade de vida e fornecem informações prioritárias para o ambiente e para o ser humano aí instalado.

Um grande desafio atualmente é encontrar alternativas reais de desenvolvimento que levem ao uso sustentável dos recursos florestais, e os estudos sobre o conhecimento local ainda são incipientes, assim como o valor atribuído a esse conhecimento é baixo. Para isso tem-se na etnobotânica subsídios para a análise da sustentabilidade de recursos naturais (ALBUQUERQUE, 2008).

É através da etnobotânica que se busca o conhecimento e o resgate do saber botânico tradicional particularmente relacionado ao uso dos recursos da flora (GUARIM NETO *et. al.* 2000).

As pesquisas etnobotânicas, segundo Araújo (2009), são hoje importantes ferramentas de registro e documentação dos usos empíricos de plantas medicinais em comunidades tradicionais, gerando conhecimento útil ao desenvolvimento de novos medicamentos, à conservação da biodiversidade, a valorização do saber e da cultura local. De modo geral tem-se dado mais ênfase às dimensões comportamental (prática) e cognitiva (intelectual) do uso dos recursos naturais conforme Alves e Souto (2010), e é fato que os grupos humanos atuam baseados em seus conhecimentos sobre a natureza e suas visões de mundo.

Esse saber está sempre em construção, inclusive o conhecimento sobre as plantas para confecção dos muitos remédios caseiros, utilizados para diversas doenças ou sintomas. Tal sabedoria, certamente resulta da interação entre os membros da comunidade e comunidades vizinhas, troca oral de receitas oriundas da medicina tradicional e das tentativas de resolução dos próprios problemas de doenças, face às deficiências do sistema de saúde vigente e dificuldades que a medicina oficial encontra para chegar às localidades interioranas (SOUZA, L. F. 2009).

Há estudos recentes no Brasil que demonstram que comunidades tradicionais locais, as quais se beneficiam da biodiversidade e do seu ambiente como um todo, que unidos ao conhecimento formal ou acadêmico, vivem e trabalham visando à conservação dos recursos naturais e consequentemente fazem o uso sustentável dos mesmos, pois reconhecem e compreendem que são dependentes de tais recursos disponíveis em seu meio.

Mendes (2002) desenvolveu uma pesquisa na Vila de Garapuá (BA) com o intuito de elaborar um plano de manejo alternativo visando à preservação da biodiversidade. Os

resultados demonstraram que a combinação do domínio científico, com o saber comum local e com o conhecimento ecológico torna-se uma grande aliada para a resolução de problemas ambientais.

Carniello (2007) em sua tese de doutorado desenvolveu um estudo etnobotânico com três comunidades no domínio do Pantanal, as comunidades de Porto Limão, Porto Alamedado e Campo Alegre no estado de Mato Grosso, e constatou que o número de espécies vegetais conhecidas e utilizadas indica que o modo de vida dessa população está intimamente associado ao componente vegetal local. Os quintais são os maiores fornecedores de plantas e suas identidades estão estampadas neles. E ainda conclui que suas atividades são desenvolvidas pelos membros do núcleo familiar, os quais adotam tecnologias repassadas através das gerações pela oralidade e no convívio com as atividades desde a infância e adolescência; além de apresentarem alto grau de dependência dos recursos vegetais nativos, disponíveis e associados à sazonalidade ambiental local.

Menezes e Souza (2011) em seu estudo sobre o manejo sustentável dos recursos naturais no semiárido brasileiro na comunidade rural Fava-de-Cheiro, em Teixeira (PB), concluiu que ao unirem a agroecologia, as tecnologias sociais e os saberes tradicionais, em contraposição aos preconceitos e políticas muitas vezes geridas equivocadamente no semiárido brasileiro, é possível uma convivência digna dos habitantes dessa região com a seca. Indo além das questões de ordem financeira e ambiental, também favorece a autonomia política dos moradores dessa comunidade.

Faz-se necessário salientar que o intuito não é esgotar o tema ou definir de forma pronta e acabada o conceito de etnobotânica, e sim apresentar discussões, pesquisas, estudos e reflexões quanto ao referido tema.

3.4 Cerrado: características e a importância da conservação

Estão reunidas há 35 milhões de anos, segundo Barbosa (2003) as características essenciais para a formação do mais antigo dos ambientes da Terra e que ainda existe, pelo menos alguns resquícios, até hoje: o Cerrado.

Segundo Ribeiro e Walter (2008) o Cerrado se distribui, em sua maior parte, no Planalto Central Brasileiro e é o segundo maior bioma do país em área. Compreende toda a região Centro-Oeste do país, espalhando-se por outros estados tanto da região Nordeste como do Sul, e ocupa quase a quarta parte do território nacional prolongando-se além da fronteira com a Bolívia (ALMEIDA, 2005). Sua vegetação apresenta fisionomias que englobam

formações florestais, savânicas e campestres, resultantes da diversidade de solos, de topografia e de climas dessa região.

Christopherson (2012) relata que as savanas recebem sua precipitação em menos de seis meses e durante o resto do ano elas ficam sob influência do deslocamento das células subtropicais de alta pressão, que são mais secas. O autor ainda caracteriza as árvores e os arbustos das savanas como *xerófitos* resistentes à seca (grifo do autor).

Ribeiro e Walter (2008) baseados na abordagem de índices climáticos elaborada por Köppen, afirmam que o clima do Cerrado apresenta duas estações bem definidas, uma seca, que vai de maio a setembro, e uma chuvosa, que vai de outubro a abril; influenciando não só a composição dos mosaicos paisagísticos que determinam as tipologias das unidades ambientais do Cerrado, como também a organização e produção do espaço geográfico.

No conceito de Coutinho (2006), o cerrado não é um bioma único, mas um complexo de biomas, formado por um mosaico de comunidades pertencentes a um gradiente de formações ecologicamente relacionadas, que vai de campo limpo a cerradão.

Considerando a fisionomia e posteriormente os fatores edáficos, podem ser descritas onze principais fitofisionomias do Cerrado, a saber: Mata Ciliar, Mata de Galeria, Mata Seca, Cerradão, Cerrado sentido restrito, Parque de Cerrado, Palmeiral, Vereda, Campo sujo, Campo Limpo e Campo Rupestre (RIBEIRO & WALTER, 2008).

A savana tropical, a qual equivale ao cerrado brasileiro, é constituída por grandes campos interrompidos por árvores e arbustos. As árvores têm caracteristicamente topos achatados, consideradas uma resposta ao regime de luz e umidade. As savanas cobriam 40% da superfície terrestre antes da intervenção humana, elas foram especialmente modificadas pelas queimadas. Incêndios naturais ocorrem no começo da estiagem, as árvores estão adaptadas a eles e são benéficos, pois permitem o aumento da cobertura arbórea, porém no final da estiagem os incêndios são mais agressivos e podem matar árvores e sementes (CHRISTOPHERSON, 2012).

A biodiversidade do Cerrado é elevada, porém geralmente menosprezada, existe uma grande diversidade de habitats e alternância de espécies. Quarenta e quatro por cento da flora é endêmica e, nesse sentido, o Cerrado é a mais diversificada savana tropical do mundo (KLINK & MACHADO, 2005). Das 10.000 espécies de plantas existentes no Cerrado, 4.400 são endêmicas, ou seja, ocorrem apenas nessa região, representando 1,5% de toda a flora mundial; já o endemismo em espécies animais é consideravelmente menor, mas ainda assim há um grande número de espécies entre os diferentes grupos de vertebrados terrestres (PINTO & DINIZ FILHO, 2005)

Para Christopherson (2012) os campos das savanas são muito mais ricos em húmus do que as áreas mais úmidas nos trópicos, além de serem mais drenados, proporcionando assim, uma base melhor para a agricultura e o pastoreio. Todos os dias novas áreas são abertas para a implantação de pastagens, barragens, culturas, entre outros, e perde-se ainda mais cobertura vegetal nativa. Segundo Klink & Machado (2005) cerca de metade dos dois milhões de km² originais do Cerrado foram transformados em pastagens plantadas, culturas anuais e outros tipos de uso.

O Cerrado possuía 1.783.200 km² de extensão original de vegetação primária, e atualmente possui apenas 356.630 km² remanescentes, ou seja, ainda restam 20% da vegetação original, sendo que 80% já foram convertidas pelos diversos tipos de usos da terra; e apenas pouco mais de 6% desses remanescentes estão protegidos em unidades de conservação (PINTO & DINIZ FILHO, 2005).

A conservação do Cerrado deve ser considerada com tamanha urgência, as transformações geradas nesse ambiente, segundo Klink & Machado (2005), já trouxeram grandes danos ambientais fragmentação de habitats, extinção da biodiversidade, invasão de espécies exóticas, erosão dos solos, poluição de aquíferos, degradação de ecossistemas, alterações nos regimes de queimadas, desequilíbrios no ciclo do carbono e possivelmente modificações climáticas regionais.

Para Pinto & Diniz Filho (2005) o fogo é uma característica comum dos cerrados, muitas espécies parecem depender do fogo para reprodução sexuada e muitas sementes germinam depois das queimadas contribuindo para a regeneração do cerrado. Apesar do fogo ser considerado um dos determinantes do tipo de vegetação desse bioma, a rápida ocupação humana desta região mudou o regime de queimadas, estação e frequência, com consequências para estrutura e composição florística.

As ações antrópicas influenciam fortemente na paisagem do Cerrado, e o efeito do fogo devido a essas influências tem sido devastador. Embora o Cerrado seja um ecossistema adaptado ao fogo, as queimadas utilizadas para estimular a rebrota das pastagens e para abrir novas áreas agrícolas causam perda de nutrientes, compactação e erosão dos solos. A eliminação total pelo fogo pode também causar degradação da biota nativa, pois, devido ao acúmulo de material combustível (biomassa vegetal seca) e à baixa umidade da época seca, uma eventual queimada nessas condições tende a gerar temperaturas extremamente altas que são prejudiciais à flora e à fauna do solo (KLINK & MACHADO, 2005).

Pinto & Diniz Filho (2005) considera o Cerrado como uma das regiões mais importantes para conservação da biodiversidade, sendo classificada como um dos *hotspots* de

conservação. Isso se deve ao endemismo e ao grau de ameaça por conversão de habitats. Entretanto, ao contrário de outras regiões do mundo, há um grande desconhecimento dos padrões de diversidade, o que para esses autores, dificulta o estabelecimento de programas efetivos para a conservação dessa diversidade. Consideram ainda que, apesar de existirem atualmente técnicas diversas capazes de otimizar esse processo e minimizar inclusive conflitos potenciais entre desenvolvimento humano e conservação, é preciso investir em obtenção de dados primários de melhor qualidade a fim de ampliar nosso conhecimento sobre a biodiversidade regional.

3.5 Desmatamento do Cerrado e as consequências para as comunidades locais

“Além de conviver com alguns dos piores solos do Brasil intertropical, a vegetação dos Cerrados conseguiu a façanha ecológica de resistir às queimadas, renascendo das próprias cinzas, como uma espécie de fênix dos ecossistemas brasileiros. Não resiste, porém, aos violentos artifícios tecnológicos inventados pelos homens ditos civilizados” (Ab’Saber, 2003)

O desmatamento do Cerrado teve sua gênese há várias décadas. Segundo o MMA (2011) durante o período de 1994 a 2002 foram destruídos 125.614 km² de sua cobertura vegetal.

Segundo o Sistema Florestal Brasileiro (SFB, 2010) os dados obtidos pelo mapeamento realizado por meio da comparação de imagens dos satélites Land Remote Sensing Satellite (LANDSAT) e China-Brazil Earth Resources Satellite (CBERS) acerca da situação atual do desmatamento no Cerrado entre 2002 e 2008, apontam que o Cerrado teve sua cobertura vegetal suprimida em 85.074 km², o que representa aproximadamente 14.179 km² desmatados anualmente nesse período.

O referido mapeamento é feito pelo Programa de Monitoramento do Desmatamento nos Biomas Brasileiros por Satélite, programa do próprio MMA, este relata que o percentual de áreas desmatadas em 2002 era de 43,7% e, em 2008, subiu para 47,8%.

Um estudo realizado pela Conservação Internacional Brasil, segundo o Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN, 2012), o Cerrado já perdeu mais da metade de sua cobertura vegetal, e o desmatamento no bioma é alarmante, chegando a 1,5% ao ano, ou seja, três milhões de hectares/ano, isso equivale a 2,6 campos de futebol desmatados a cada minuto.

O Relatório Técnico do monitoramento do Cerrado no período 2009-2010, publicado pelo MMA em agosto de 2011, divulga que a área total do bioma corresponde a 2.039.386 km², e que até o ano de 2009 foram desmatados 983.348 km², sendo que apenas no período de

2009 a 2010, 6.469 km² foram desmatados, ou seja, a taxa anual de desmatamento foi de 0,3%, a maior taxa dentre os seis biomas brasileiros.

No relatório do MMA supracitado consta que o bioma possui apenas 7,44% de sua área protegida por Unidades de Conservação, federais, estaduais e municipais, sendo que aproximadamente 2,91% do Cerrado é protegida na forma de UCs de proteção integral, tais como os Parques Nacionais.

Segundo a análise de distribuição dos polígonos por estados federativos, realizada pelo monitoramento do Cerrado via satélite, divulgado pelo MMA, por exemplo, identificou que o Cerrado foi mais desmatado no período de 2009 a 2010 nos estados do Maranhão e Piauí, 0,75% e 1,05% respectivamente em relação à área total do estado. O estado de Goiás perdeu em área de Cerrado 0,18% em relação à área total do estado.

Analizando o sudoeste de Goiás, pode-se concluir que o desmatamento do Cerrado também é uma realidade. Segundo o relatório do MMA (2011) que demonstra a situação do desmatamento por municípios, nota-se que entre os dezoito municípios da microrregião do sudoeste de Goiás, o município de Jataí está em quinto lugar no ranking do desmatamento. Em relação à área total do município, 0,15% das áreas de Cerrado foram suprimidas no período de 2009 a 2010. Antecedendo o município de Jataí estão os municípios de Santa Rita do Araguaia, Caiapônia, Mineiros, e Doverlândia.

O desmatamento do Cerrado traz graves consequências para as comunidades locais, por exemplo, a falta de água, perda da biodiversidade, erosões, enchentes, entre outros. Uma das consequências bem comuns é a compactação do solo, o que dificulta a infiltração da água no mesmo, impossibilitando o reabastecimento dos lençóis freáticos. Esses problemas ambientais levam consequentemente à diminuição da vazão das nascentes, córregos e rios da região; o impacto das chuvas no solo aumenta consideravelmente, erodindo os solos e assoreando os rios (KLINK & MACHADO, 2005).

Shiva (2003) afirma que a destruição da vegetação nativa pelo sistema de saber dominante acontece porque esse não tem condições de perceber os valores atribuídos à biodiversidade pela comunidade local, e ainda de acordo com esse sistema ela não tem nenhuma utilidade. Quando se fala de diversidade, inclui-se a diversidade cultural e biológica. A referida autora ainda relata que relacionado com a destruição da diversidade como algo sem valor, temos a inevitabilidade da monocultura como único sistema produtivo e de rendimento elevado.

Com a destruição do Cerrado, a população que depende dele para sobreviver, passa a ser um povo excluído e marginalizado. O bom conhecimento da de certas plantas desta

vegetação, por parte da população, permite a extração de folhas de palmeiras para o fabrico de peneiras e cestos e, de madeira para peças de artesanato, e os frutos servem para doces e geléias. O modo de vida, essencialmente rurícola, determinado pelo cotidiano e pelas práticas culturais, pelas percepções da natureza e da condição de morador do sertão, bem como pela fragilidade econômica dos pequenos agricultores passa a ser ameaçado (ALMEIDA, 2005).

Para Almeida (2005) a precarização das condições sociais impostas por aqueles que detêm o poder e o capital é evidente, ameaçando constantemente as áreas do Cerrado e fragilizando os elos territoriais de identidade das chamadas populações tradicionais do Cerrado. São populações cujos territórios esgarçam-se lentamente com a omissão e a negligência por parte de representantes políticos e com o interesse do capital, os quais estão recontextualizando o Cerrado.

4 Materiais e métodos

4.1 Descrição da área de estudo

A microrregião sudoeste de Goiás abrange dezoito municípios, segundo a Secretaria de Administração e Planejamento do Estado de Goiás (SEPLAN); apresenta uma população total de 397.387 habitantes, sendo que 354.529 habitantes estão na zona urbana e 42.858 habitantes estão na zona rural.

O posicionamento geográfico da região determina o clima tropical, com pequenas invasões de ar frio de origem polar, durante a primavera-verão, acarretando temperaturas elevadas, sobretudo na primavera, ocasião em que o Sol passa pelos paralelos da região, dirigindo-se para o Sul, época em que a estação chuvosa ainda não se iniciou. Portanto, na primavera-verão é muito frequente a temperatura máxima diária acima de 30,0°C (NIMER, 1989).

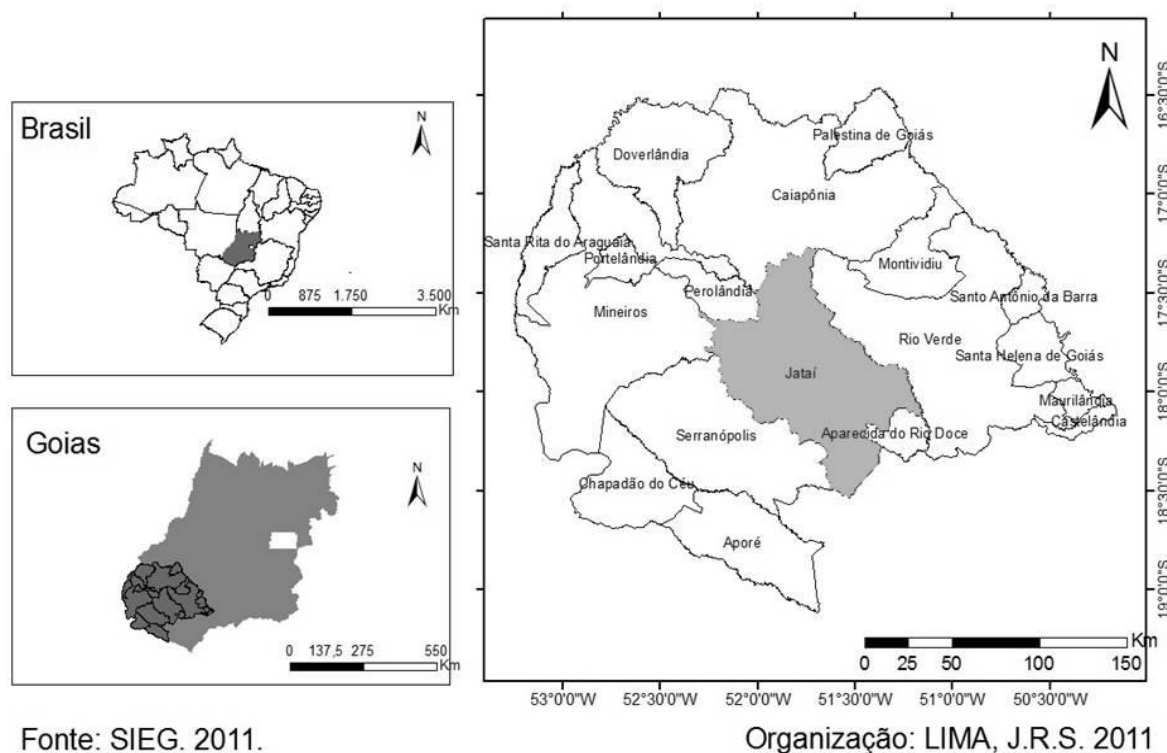
De acordo com Scopel et al. (1995), a região apresenta um clima tropical, mesotérmico e térmico com estações definidas pelo regime sazonal de chuvas. Climaticamente caracteriza-se por apresentar uma estação chuvosa de outubro a abril e maio, com cerca de 1650 mm de precipitação e outra estação seca nos restantes dos meses, a temperatura na maioria dos meses varia entre 20 e 30°C.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município de Jataí pertencente à mesorregião Sul Goiano e microrregião sudoeste de Goiás, possui uma área de 7.174,1 km², e está inserido no bioma Cerrado. Segundo o Projeto RADAM Brasil (1983) a vegetação é do tipo cerrado, com formação savana arbóreo aberta e com floresta de galeria no vale; também classifica o solo do município como Latossolo Roxo distrófico a moderado e proeminente, com textura muito argilosa e argilosa, e relevo suave ondulado e plano.

Sobre o clima no município de Jataí, segundo Scopel e Mariano (2002), entre 1980 e 1999, em um estudo sobre a tendência de aumento da temperatura, verificaram que o município apresentou uma tendência de aumento médio anual de 0,022°C na temperatura. A média mensal, neste período, foi de 22,3°C, e o ano mais quente foi 1998, com 22,9°C e o ano mais frio 1981, com 21,9°C.

A sede do município está localizada, entre as coordenadas geográficas 17° 52' 51" S, e 51° 42' 50" W e a uma altitude de 696 metros (Mapa 01).

Mapa 01- Localização do município de Jataí, microrregião Sudoeste de Goiás.



Em 2007 o município de Jataí possuía 81.972 habitantes, segundo o IBGE, sendo 75.668 moradores da zona urbana e 6.304 da zona rural, ou seja, apenas 7,7% de população rural.

Em 2010 o número de habitantes passou para 88.006 habitantes, apresentando um aumento da população total de aproximadamente 7,4% neste período. Esse aumento pode ser justificado pela instalação de indústrias alimentícias, usineiras, entre outras, que vieram para a região nesse mesmo período. Segundo Menezes *et al.* (2009) desde a década de 90 até hoje o estado de Goiás vive o pós-programa de desenvolvimento, incentivos fiscais, investimentos em infraestrutura, e tem atraído empresas para a região, sejam voltadas para a produção de carnes, ou empresas que beneficiam a produção de grãos, fortalecendo cada vez mais a cadeia produtiva carne-grãos na região do cerrado brasileiro.

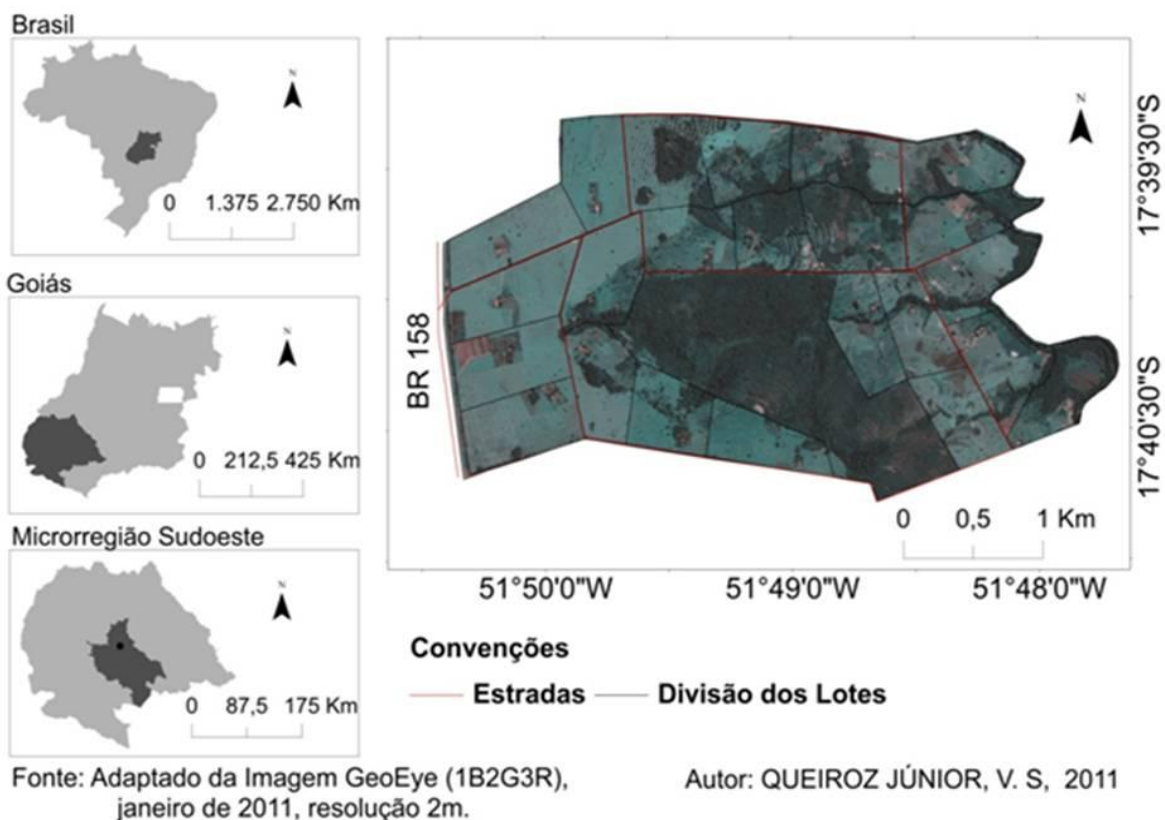
4.1.1. Assentamento Santa Rita, Jataí (GO)

Segundo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), a área total do assentamento é de 961,2 ha, dividida em vinte e três lotes e conta com uma RL

comunitária de 195 hectares. A terra na qual ocorreu a implantação do assentamento foi obtida por desapropriação no ano de 1997, o assentamento foi fundado em 18 de julho de 1998, e está em fase de consolidação. Possui uma área comunitária de aproximadamente 12 hectares, conforme Benincá (2010), e a distância média entre os lotes não ultrapassa 1 km de extensão, variando entre as parcelas.

Conforme Benincá (2010), o Projeto de Assentamento Santa Rita está localizado a 23 km de distância da cidade de Jataí, pontuada pelas coordenadas geográficas a 17° 39' 40" S de latitude, 51° 48' 39" W de longitude, e altitude de 793 metros; o acesso é feito pela BR-158, sentido Jataí – Caiapônia/GO (Mapa 02). A principal drenagem é o Rio Paraíso, além de outros três córregos: Guerobinha, Barreirinho e Vertente, pertencentes à Bacia do Rio Claro, afluente da margem direita do Rio Paranaíba. A declividade predominante do relevo é acentuada, mas há áreas de relevo suave ondulado.

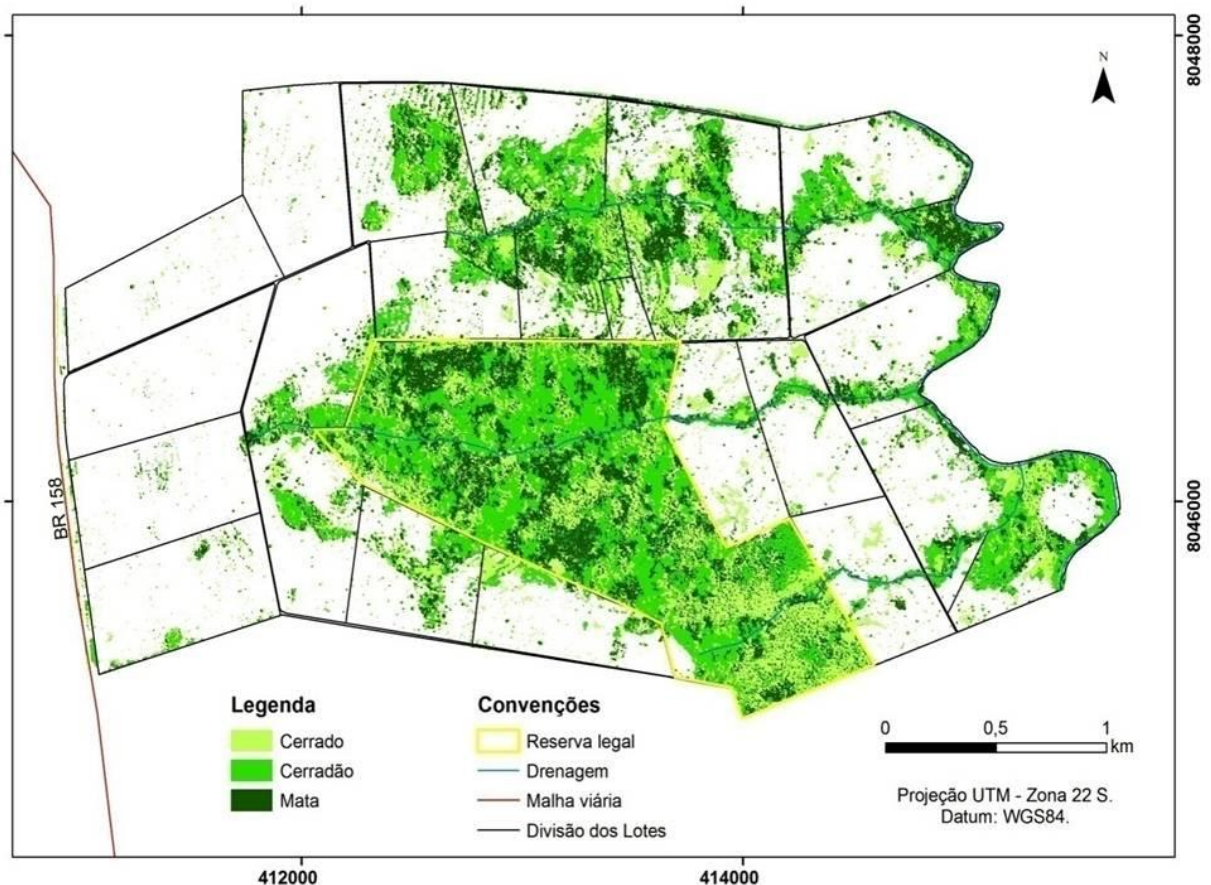
Mapa 02- Localização do Assentamento Santa Rita, município de Jataí (GO).



A área do assentamento segundo projeto RADAM Brasil (1983) é composto por dois tipos de solos, sendo o Neossolos Quartzarenicos e Latossolos Vermelhos Escuros Distróficos.

O Assentamento Santa Rita está inserido no domínio do bioma Cerrado e apresenta remanescentes de vegetação nativa ao longo da sua área de 961 hectares (Mapa 3), apresentando cinco fitofisionomias encontradas dentro do bioma Cerrado, a saber: cerradão, cerrado restrito, mata galeria, mata seca, e mata ciliar. No mapa, confeccionado através de imagem de satélite, a categoria “mata” abrange três fitofisionomias: mata galeria, mata seca e mata ciliar; as quais, para serem classificadas separadamente, seriam necessários trabalhos de campo para reconhecimento das mesmas.

Mapa 03- Projeto de Assentamento Santa Rita, Jataí (GO): Vegetação.



Fonte: Adaptado da Imagem GeoEye (1B2G3R), janeiro de 2011, resolução 2m.

Autor: QUEIROZ JÚNIOR, V. S. 2013.

As fitofisionomias do Cerrado encontradas na área do assentamento podem ser caracterizadas conforme Ribeiro & Walter (2008):

- **cerradão**: apresentam características escleromorfias (órgãos vegetais rijos, principalmente folhas) e xeromórficas (p. ex. folhas reduzidas, suculência, pilosidade densa ou cutícula grossa); cobertura variável (50 a 90%); caducifólia não proeminente;

altura entre 8 a 15m; do ponto de vista fisionômico é uma floresta, mas florísticamente se assemelha ao Cerrado sentido restrito; epifitismo reduzido; solos profundos, ácidos e bem drenados, predominando Latossolos ou, eventualmente, cambissolos.

- **cerrado restrito:** árvores baixas (2 a 8m) e tortuosas esparsas (densidade variável); em geral, apresentam cascas com cortiça espessa ou fendida, além de gemas apicais densamente pilosas; estrato subarbustivo-herbáceo exuberante, especialmente na época chuvosa, várias espécies apresentando órgãos subterrâneos (xilopódos) que permitem a rebrota, geralmente com evidência de queimadas; cascas grossas, pilosidade abundante, folhas rígidas coriáceas (xeromorfismo); solos variáveis, ácidos (pH 4,5 a 5,5), pobres em P e N, álicos e matéria orgânica reduzida; composição florística variável.

- **mata galeria:** junto a riachos e córregos formam galerias (corredores fechados) sobre o curso d'água; localizam-se em fundos de vales ou cabeceiras (nascentes); em geral, circundadas por formações campestres e/ou savânicas, formando transições abruptas; perenifolia, com cobertura variando de 70 (seca) a 95% (chuva); solos variáveis, predominando os aluviais e os litólicos; altura entre 20 a 30m, com emergentes; elevada umidade relativa; composição florística bastante variável; maior ocorrência de espécies epífitas.

- **mata-seca:** formações que não possuem associação com cursos d'água, caracterizadas por diversos níveis de queda das folhas durante a estação seca, as quais contribuem para o aumento da matéria orgânica no solo; junto aos interflúvios, geralmente em solos férteis; geralmente decíduas (cobertura inferior a 50% na seca); solos variáveis (terra roxa, solos calcáreos, com afloramentos de rochas, cambissolos, etc); altura do dossel entre 15 a 25m; baixa umidade relativa; epifitismo pouco freqüente e, eventualmente, com cactáceas.

- **mata ciliar:** encontrada junto a rios de médio e grande porte, formam faixas estreitas de até 100m, porém não formam galerias; é semidecídua, com cobertura arbórea variando de 50 (na época seca) a 90% (na época chuvosa); os solos são variáveis (aluviais, litólicos, latossolos); altura entre 20 a 25m, com emergentes; muitas vezes, com transição pouco evidente para outras formações florestais, e sua composição florística é bastante variável.

Conforme Benincá (2010) esse projeto de assentamento apresenta características da agricultura familiar; onde as propriedades são pequenas, com produção agropecuária destinada à subsistência do núcleo familiar, e as relações de trabalho são mantidas e

perpetuadas dentro desse núcleo. A principal atividade econômica dos produtores é a pecuária leiteira.

4.2 Seleção dos participantes

Os sujeitos participantes da pesquisa são residentes do Assentamento Santa Rita, todos praticam agricultura e se encontram diretamente envolvidos com os recursos naturais, com ênfase na vegetação. Foram entrevistados 21 indivíduos no total, cada um desses representando sua parentela e seu lote. Os moradores dos lotes que não foram entrevistados, não foram encontrados em suas casas no período correspondente as entrevistas e uma moradora se recusou a participar da pesquisa.

Para a participação na entrevista, optou-se por considerar os seguintes critérios, a saber:

- disponibilidade para participar da pesquisa
- idade superior ou igual a dezoito anos
- efetivos residentes nas comunidades

4.3 Pressupostos metodológicos

A metodologia utilizada foi baseada na pesquisa quali-quantitativa, pois essa se dedica mais a aspectos qualitativos da realidade, ou seja, volta-se prioritariamente para eles, sem desprezar os aspectos também quantitativos, e vice-versa (DEMO, 1998).

Segundo Albuquerque *et al.* (2008) para a coleta de dados etnobotânicos é primordial a união teórica e metodológica de várias disciplinas e conta-se com a estratégia de complementaridade entre a pesquisa qualitativa e a quantitativa.

Godoy (1995) afirma que um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Por essa razão o pesquisador vai a campo buscando compreender o fenômeno em estudo a partir da expectativa das pessoas nele envolvidas.

A pesquisa qualitativa pode ser realizada a partir de três caminhos: a pesquisa documental, o estudo de caso e a etnografia. Na presente pesquisa foi adotado o método etnográfico, abrangendo a descrição dos eventos que ocorrem na vida de um grupo e a interpretação do significado desses eventos para a cultura do grupo.

O trabalho de campo é essencial na pesquisa etnográfica, pois sem um contato intenso e prolongado com o grupo não é possível que o pesquisador descubra o sistema de significados culturais no qual o grupo pesquisado se organiza, como se desenvolveu e influencia o comportamento desse grupo (GODOY, 1995).

Durante a pesquisa etnográfica, conforme Godoy (1995), o pesquisador deve ter uma experiência direta e intensa com a situação de estudo, visando à compreensão das regras, costumes e convenções que orientam a vida do grupo em observação. O pesquisador é investigador por natureza e os dados são coletados principalmente por meio da observação participante.

4.3.1 Conhecendo o Assentamento

Nesta etapa, ocorreram os primeiros contatos com a comunidade assentada, objeto deste estudo, a partir de visitas realizadas nos dias 10 e 11 de fevereiro, 13 e 14 de março de 2012 ao Projeto de Assentamento Santa Rita. As visitas se deram com o intuito de apresentar a proposta de trabalho para as comunidade assentada, averiguar o interesse dos assentados em participar da pesquisa e agendar as oficinas. Também se utilizou registro fotográfico e caderneta de campo para fazer o reconhecimento *in loco* da área escolhida para estudo.

4.3.2 As entrevistas

Esta fase consistiu na coleta dos dados por meio da observação em campo e realização de entrevistas semiestruturadas; essa técnica, segundo Matos e Pêsoa (2009) foi baseada em métodos que não implicam quantificação e sim a interpretação do fenômeno estudado. Após o projeto de pesquisa ser submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da UFG, as entrevistas foram realizadas com cada sujeito escolhido após uma breve apresentação dos objetivos da pesquisa e do consentimento do entrevistado para realização das mesmas.

A entrevista semiestruturada (APÊNDICE A) fora realizada de lote em lote e individualmente aos assentados. Foram realizadas vinte e uma entrevistas, essas foram sempre precedidas pela identificação do pesquisador e uma breve explanação sobre a pesquisa e respectivos objetivos.

As entrevistas no Assentamento Santa Rita foram realizadas em dez dias, com uma média de duas entrevistas por dia, nas quais foi relatado pelos participantes, principalmente, seus conhecimentos e reconhecimento das espécies das áreas nativas.

Os questionamentos foram voltados para a coleta de dados socioeconômicos, a saber: nome, estado civil, idade, sexo, quantidade de filhos, tempo de residência no assentamento, local de moradia anterior ao atual, escolaridade, atividades desenvolvidas no lote; e informações sobre o conhecimento dos indivíduos sobre o cerrado, tais como: onde ou com quem adquiriu seus conhecimentos sobre as plantas, como e quando as utiliza, prática de coleta de mudas ou sementes de plantas nativas, reconhecimento *in loco* das plantas nativas, confecção de algum tipo de artesanato, e quais plantas utiliza, bem como sua forma de preparo, para que servem cada uma delas, o porte da planta e onde é encontrada.

4.3.3 Troca de saberes: a oficina

Foi planejada e ministrada a oficina “Coleta de Sementes e Produção de Mudas”, realizada no dia 07 de julho de 2012, com o intuito de verificar a sensibilidade em reconhecer as espécies do Cerrado pelos frutos e sementes, bem como contribuir com o aprendizado dos assentados na prática de coletar as sementes do Cerrado, armazená-las corretamente e produzir as mudas a partir dessas sementes.

As sementes e frutos escolhidos para comporem a Bancada de Sementes e Frutos foram espécies nativas do Cerrado encontradas no município de Jataí e que estavam em época de frutificação.

Para a elaboração dessa oficina tomou-se como referência o Manual do Plantador, de Campos Filho (2009). A oficina foi dividida em momentos, a saber:

1º momento: dinâmica de grupo para interação do mesmo;

2º momento: abertura com breve explanação sobre a renovação da vida por meio das sementes e mudas;

3º momento: realização de mini-curso sobre coleta, armazenagem e produção de mudas;

4º momento: Confecção de saquinhos de muda utilizando papel *craft* ou jornal;

5º momento: Intervalo para o lanche;

6º momento: Análise da “Bancada de Sementes e Frutos”, onde os assentados, individualmente, identificavam as espécies por meio de sementes e/ou frutos disponibilizados na bancada.

7º momento: Sorteio de brinde para os participantes da oficina e encerramento.

4.3.4 Desenvolvendo turnês-guiadas

Com o intuito de reconhecer as fitofisionomias de Cerrado encontradas na área dos assentamentos, e as espécies que as compõe, realizou-se no dia 23 de junho de 2012, trilhas guiadas por uma especialista em áreas nativas de Cerrado, onde foram realizados registros fotográficos e coleta de material fértil das espécies identificadas. Esse material botânico coletado foi levado ao Herbário Jataiense Prof. G. Guarim Neto (HJ), situado no Campus Jatobá da UFG para registro e identificação das espécies, a fim de comparar o conhecimento tradicional com a descrição científica das espécies relatadas durante a pesquisa.

Realizou-se um levantamento etnobotânico através de turnê-guiada, método considerado o ápice dessa quarta etapa, o qual foi realizado com os assentados que atingiram o maior número de plantas citadas na primeira entrevista. Optou-se por esse método para que se realizasse a identificação dos nomes vernaculares das plantas com suas respectivas características e finalidades no interior das áreas de Cerrado percorridas. A realização da turnê-guiada consiste em fundamentar os nomes das plantas citadas nas entrevistas, nomes esses que podem variar dependendo da região ou até mesmo entre os indivíduos de uma mesma comunidade (ALBUQUERQUE et al., 2008).

Durante os percursos foram realizadas entrevistas com o participante, que segundo Albuquerque et al. (2008) apesar de parecer um processo simples e ser uma das formas mais básicas de obtenção de dados em estudos etnobotânicos, elas encontram-se envolvida por muitas sutilezas e detalhes que devem estar sob o controle do pesquisador.

Observações diretas também foram feitas durante os percursos, conforme Albuquerque et al. (2008) essa técnica consiste da observação e registro livre dos fenômenos observados em campo.

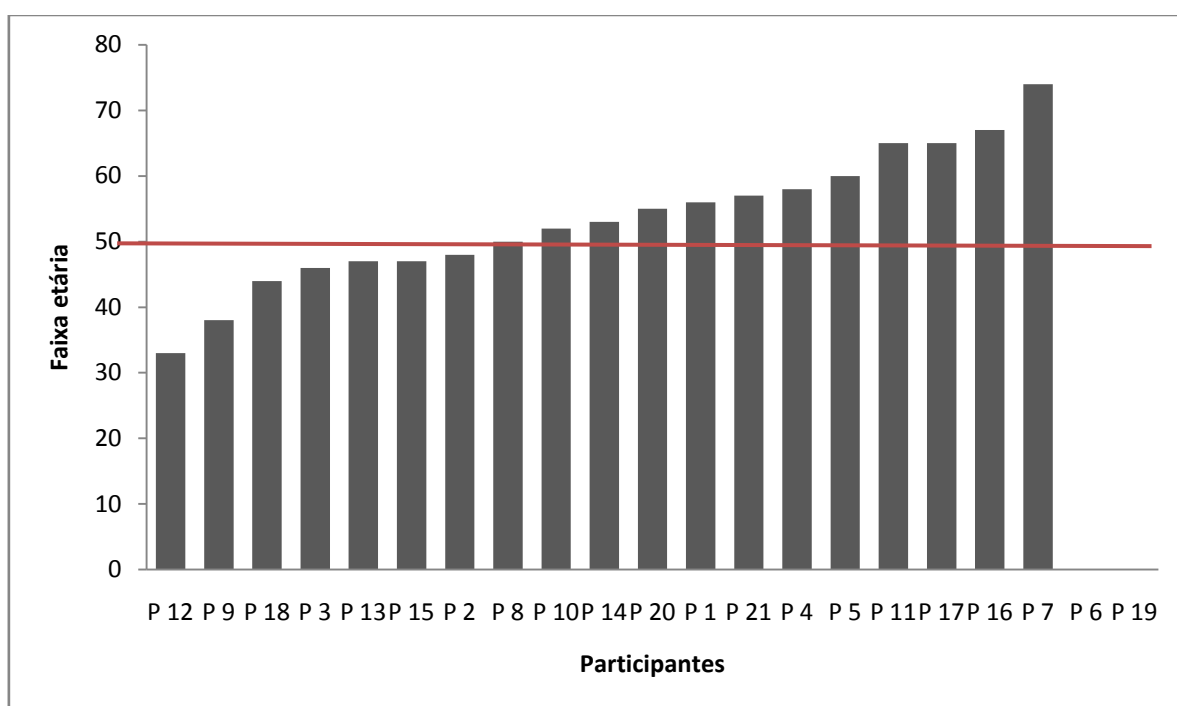
5 Resultados e discussão

5.1 Caracterização da comunidade

A comunidade do Assentamento Santa Rita é composta de pessoas com diferentes perfis, mas com histórias de vida parecidas, que proporcionaram ricas informações sobre conhecimento tradicional do Cerrado.

Analizando os dados da Entrevista 01, realizada no Assentamento Santa Rita, verificou-se que o público apresentou uma média de idade de 53 anos (Gráfico 01), sendo a idade mínima de 33 anos, e máxima de 74 anos. Os participantes são compostos de 62% de mulheres e 38% de homens.

Gráfico 01- Faixa etária dos participantes do Assentamento Santa Rita.

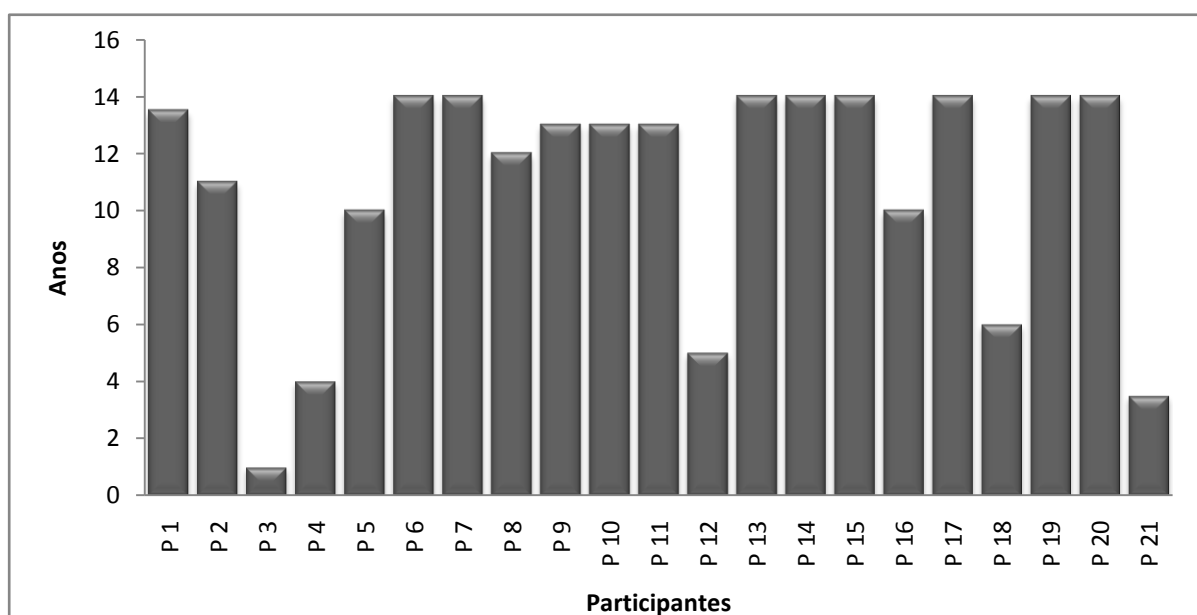


A maioria dos assentados é casada, representando 62% do total de entrevistados, em seguida vieram os viúvos com 14%, amasiados e solteiros com 10% cada, e por fim 5% são desquitados. No momento da realização da entrevista alguns assentados afirmavam que o cônjuge sabia mais sobre as plantas do que eles mesmos, por isso repassavam a tarefa de responder a entrevista ao seu cônjuge.

Acerca da naturalidade dos assentados, 41,5% são do município de Jataí (GO), 41,5% são de outros municípios do estado de Goiás, tais como Cachoeira Alta, Caçu, Serranópolis, Palmeiras de Goiás e Itarumã; e 17% são de outros estados brasileiros, a saber: Rio Grande do Norte e Minas Gerais.

Aproximadamente 57% dos moradores do Assentamento Santa Rita residem no local desde sua criação (Gráfico 02). Segundo Benincá (2010) das vinte e três famílias que residem nesse assentamento, oito delas compraram as terras das famílias assentadas nos referidos lotes. Antes de serem assentados 73% dos entrevistados moraram no campo e já tiveram a experiência de morar na cidade, 18% nunca saíram da vida no campo e 9% moraram apenas na cidade, esses últimos experimentaram a vida no campo só após tornarem-se assentados.

Gráfico 02- Tempo de residência, em anos, dos moradores do Assentamento Santa Rita.



Para analisar a ligação que os assentados possuem com a terra, e o conhecimento que possuem sobre a mesma, questionou-se a profissão dos pais e avós dos participantes, 74% deles afirmaram que seus pais e avós foram trabalhadores rurais em propriedades de terceiros, 17% eram comerciantes e 9% já foram proprietários de terras. Segundo Guarim Neto et al. (2000), o uso dos recursos vegetais está fortemente presente na cultura popular que é transmitida de pais para filhos no decorrer da existência humana.

A diversidade de atividades que são desenvolvidas no lote permitiu que o grupo fosse dividido em dois tipos de perfis diferentes.

O primeiro grupo representando 20% dos participantes apresenta uma baixa diversidade de atividades e praticam monocultura (soja e eucalipto). Segundo um dos participantes incluídos nesse grupo, em seu lote não restou nenhuma área de vegetação nativa, pois a reserva que é exigida por lei está garantida através da área de RL comunitária do assentamento. Em época de colheita optam por contratarem mão-de-obra temporária para contribuir nas atividades laborativas desempenhadas pelo núcleo familiar.

O segundo grupo representando 80% dos participantes, devido ao tipo de manejo dado a terra e ainda a adoção de práticas agroecológicas, demonstram mais apego e ligação com a terra. Em seus lotes existem uma maior diversidade de atividades desenvolvidas, em relação ao grupo anterior, a saber: cultivo de hortaliças, milho, mandioca, banana, cana-de-açúcar para fazer silagem para o gado, criação de aves e suínos, além do cultivo de um pomar bem variado em seu quintal, além de apresentarem um grande conhecimento sobre as plantas do Cerrado. A mão-de-obra para essas atividades laborativas é do próprio núcleo familiar, na grande maioria.

Esse segundo grupo se assemelha com a definição de população tradicional dada por Vivan (2006) “formas de organização social onde ainda prevalece uma organização social e econômica baseada nos laços de parentesco”, também “aquelas que têm um histórico cultural de interações com determinado contexto regional e ecológico, e que desenvolveram no processo regulamentações de acesso e gerenciamento de recursos” e ainda “que esses sistemas de propriedades e controle se dão numa perspectiva de uma organização econômica onde o autoconsumo é a peça central da estratégia”. O autor ainda considera que essa definição adota a noção de que o saber ecológico e a organização sociocultural e econômica se expressam como um conjunto lógico.

O nível de escolaridade dos moradores do assentamento é relativamente baixo, se comparado às taxas de analfabetismo do estado de Goiás, 57% não completou o nível fundamental, apenas 14% possui o nível fundamental completo, 10% completou o ensino médio, 14% não possui nenhuma escolaridade e 5% não respondeu. Segundo o IBGE (2010) a taxa de analfabetismo do estado de Goiás vem diminuindo; levando em consideração pessoas de 15 anos ou mais de idade, no ano de 1992 essa taxa correspondia a 16,35% da população, já em 2008 caiu para 9,31%.

Foi necessário investigar o nível de instrução dos sujeitos pesquisados para que todos os métodos empregados nas oficinas que foram ministradas pudessem ser compreendidos por todos os assentados que participasse das mesmas.

5.2 O etnoconhecimento no Assentamento Santa Rita

A comunidade assentada faz uso para diferentes fins das plantas encontradas em áreas de vegetação nativa presentes no assentamento.

Quanto ao uso das plantas do Cerrado e sua frequência, dos vinte (21) entrevistados, quinze (71%) afirmaram que sempre utilizam as plantas para fins medicinais, quatro (19%) às vezes usam, e dois (10%) nunca usam, esses justificam:

“Qualquer coisa tem o posto logo ali na Estância”

“Não conheço planta do mato não, uso remédio mesmo”.

Questionou-se sobre o motivo que os levavam a utilizar as plantas do cerrado para fins medicinais, e 90% dos assentados afirmaram que fazem uso frequente devido ao conhecimento que já se tem sobre a eficiência dos remédios e chás caseiros, e que a distância da cidade não influencia em suas escolhas, apenas 10% optaram por ir logo ao posto de saúde ou à farmácia. Segundo Silva *et al.* (2010) o extenso uso de plantas medicinais também pode ser devido ao conhecimento e utilização de plantas representarem a única opção de tratamento de enfermidades, em razão do restrito acesso aos programas de saúde.

Esse alto percentual de pessoas que utilizam as plantas do Cerrado apela para a necessidade de conservação dos remanescentes de cerrado que existem na área do assentamento, e incentivos, através de cursos de capacitação, para a disseminação do conhecimento tradicional e a troca de experiências entre os assentados. Para Silva *et al.* (2010) o uso de plantas no Brasil para fins medicinais é extenso, essas plantas são utilizadas até no combate e prevenção ao uso de drogas.

Quanto ao uso trófico, todos os entrevistados afirmaram que utilizam as frutas do Cerrado para complementar a alimentação. Os frutos mais citados foram: gabioba, pequi e araticum; outras menos citadas, mas não menos importantes foram o cajuzinho-do-campo, maminha-cadela, mangaba, murici, marmelada, guapeva, boca-bona, araçá, pêra-do-cerrado, veludo, pitanga e cagaita (Tabela 01). Um dos participantes afirmou:

“Gosto das fruta do mato, não como porque aqui não existe mais, quando eu era criança, vixe, eu comia muito, agente não tinha dinheiro pra comprar essas fruta que agente come hoje, banana, laranja, maçã”.

Salienta-se que alguns frutos citados pelos participantes não são nativos do Cerrado, como por exemplo, a goiaba, amplamente difundida no Brasil. Segundo Pereira *et al.* (2003) a goiabeira (*Psidium guajava* L.) é originária da região tropical do continente americano, com centro de origem, provável, na região compreendida entre o sul do México e o norte da América do Sul.

Tabela 01 – Preferência de frutos do Cerrado entre os moradores do Assentamento Santa Rita.

Nome popular	Nome científico	Freq.(%)
Gabirola	<i>Campomanesia</i> spp	19,3
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	19,3
Araticum	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	12,3
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	8,8
Marmelada	<i>Alibertia edulis</i> A. Rich.	5,3
Araçá	<i>Psidium guineense</i> Sw.	3,5
Boca-boá	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	3,5
Cajuzinho-do-campo	<i>Anacardium humile</i> A. ST.-Hill	3,5
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	3,5
Cagaita	<i>Eugenia dysenterica</i> DC.	1,8
Guapeva	<i>Pouteria ramiflora</i> Radlk.	1,8
Gueroba	<i>Syagrus oleracea</i> Becc.	1,8
Maminha-cadela	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trecúl	1,8
Murici	<i>Byrsonima crassifolia</i> Kunth.	1,8
Pêra-do-cerrado	<i>Eugenia klotzschiana</i> O. Berg	1,8
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	1,8
Veludo	<i>Chomelia martiana</i> Muell Arg.	1,8
Nenhum	-	7,0
Total		100,0

A coleta de sementes e a produção de mudas são realizadas por 55% dos participantes. É necessário destacar que as plantas que são utilizadas pelos assentados são escolhidas para algum fim específico, seja para contribuir com alguma das atividades desenvolvidas nos lotes, ou para decorar a casa, segundo eles:

“Plantei Ipê Roxo na porta da casa pra enfeitar a entrada.”

“Planto ‘melinha’ para atrair as abelhas e aumentar o mel.”

“Planto muda quando gosto da planta.”

Uma queixa de um dos assentados foi *“já plantei, mas não consegui fazer mudas”*, essa afirmação reforçou a necessidade de capacitação quanto à produção de mudas, para que os assentados conhecessem a importância da quebra da dormência existente em algumas sementes das espécies do Cerrado para que haja germinação.

Para fins artesanais, constatou-se que apenas 15% dos participantes utilizam o Cerrado como fonte de matéria prima (Foto 01 e 02). Os participantes relatam:

“Já fiz quadros, porta-retrato, lustres pra casa, arranjo de mesa, tudo com sementes, folhas, cascas de fruta, galhos. Uma vez fiz vinte quadros e coloquei no museu lá da cidade, eles venderam todos e me deram oitocentos reais.”

“Quando encontro pego orquídea para enfeitar a casa.”

“Já fiz árvore de natal com galho de árvore do mato aí.”

Foto 01- Artesanatos produzidos por assentada com matéria prima extraída do Cerrado, Assentamento Santa Rita.



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

Foto 02- Artesanatos produzidos por assentada com matéria prima extraída do Cerrado, Assentamento Santa Rita.



Foto: LIMA, J. R.S. , 2012

Analisando as espécies citadas pelos assentados, as quais utilizam em seu cotidiano, pode-se concluir que os participantes utilizam as plantas para fins medicinais em sua maioria (Tabela 02). Segundo Schippmann *et al.* (2002), em termos de espécies individualmente tratadas, o uso de plantas na medicina representa de longe o maior percentual de uso do mundo natural.

Tabela 02- Finalidade das plantas citadas pelos participantes do Assentamento Santa Rita.

Finalidade	Freq. (%)
Medicinal	80,0
Alimentício	10,5
Madeireiro	9,0
Artesanal	0,5
Total	100,0

Foram citadas 83 plantas no total (Tabela 03), um número bastante expressivo, visto que os resultados de Silva et al. (2010) demonstram um total de 87 plantas levantadas nos quatro assentamentos e um acampamento estudados. Considerando as plantas citadas por mais de 30% dos participantes, estão, a saber: aroeira (*Myracrodruon urundeuva*), barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*), sangra-d'água (*Croton urucurana*), angico (*Anadenanthera* sp.), jatobá (*Hymenaea* sp.) e maruleite (*Operculina macrocarpa*). Salienta-se que algumas plantas utilizadas não são nativas do Cerrado, por exemplo, a navalhinha (*Cyperus* sp.), a acerola (*Malpighia glabra*) entre outros.

Tabela 03- Plantas citadas pelos moradores do Assentamento Santa Rita (Freq.= porcentagem de participantes que citaram a espécie).

NI	Nome popular	Família	Nome científico	Freq. (%)
1	Aroeira	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	52,4
2	Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	47,6
3	Sangra-d'agua	Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill.	47,6
4	Angico	Fabaceae	<i>Anadenanthera</i> sp.	33,3
5	Jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea</i> sp.	33,3
6	Maruleite	Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	33,3
7	Pequi	Caryocaraceae	<i>Caryocar brasilienses</i> Cambess.	28,6
8	Quininha	Malpighiaceae	<i>Strychnos</i> sp.	28,6
9	Assa-peixe	Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	23,8
10	Ipê	Bignoniaceae	<i>Tabebuia</i> sp.	23,8
11	Pé-de-perdiz	Euphorbiaceae	<i>Croton</i> sp.	23,8
12	Velame-branco	Apocynaceae	<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	23,8
13	Quina	Malpighiaceae	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St. Hill	23,8
14	Algodãozinho	Bixaceae	<i>Cochlospermum regium</i> (Schrank) Pilg.	19,0
15	Araticum	Annonaceae	<i>Annona crassiflora</i> Mart.	19,0
16	Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	19,0
17	Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	19,0

18	Sucupira	Fabaceae	<i>Pterodon</i> sp.	19,0
19	Capitão	Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	14,3
20	Didal	Lythraceae	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hill	14,3
21	Erva-santa-maria	Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	14,3
22	Gabiroba	Myrtaceae	<i>Campomanesia</i> sp.	14,3
23	Guariroba	Arecaceae	<i>Syagrus oleracea</i> (Mart.) Becc.	14,3
24	Guatambú	Apocynaceae	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC.	14,3
25	Maminha-cadela	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	14,3
26	Acafrão	Iridáceae	<i>Curcuma longa</i> L.	9,5
27	Acerola	Malpighiaceae	<i>Malphigia glabra</i> L.	9,5
28	Algodão	Malvaceae	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	9,5
29	Assa-peixe-branco	Asteraceae	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	9,5
30	Boca-boá	Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	9,5
31	Boldo	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	9,5
32	Capim-cidreira	Panicoideae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	9,5
33	Cedro	Meliaceae	<i>Cedrella fissilis</i> Vell.	9,5
34	Douradinha-do-campo	Malvaceae	<i>Waltheria</i> sp.	9,5
35	Gervão	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> (Mill.) Vahl	9,5
36	Manacá	Rutaceae	<i>Spiranthera odoratissima</i> A.St.-Hil.	9,5
37	Mangaba	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> (Nees & Mart.) Mull. Arg.	9,5
38	Maracujá	Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	9,5
39	Mentrasito	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> (L.) L.	9,5
40	Pau-terra-da-folha-larga	Volchysiaceae	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	9,5
41	Romã	Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	9,5
42	Veludo-branco	Asteraceae	<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabrera	9,5
43	Óleo-de-copaíba	Fabaceae	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	9,5
44	Cajuzinho-do-campo	Anacardiaceae	<i>Anacardium humile</i> Engl.	9,5
45	Urucum	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	9,5
46	Alfavaquinha	Lamiaceae	<i>Ocimum carnosum</i> (Spreng.) Link & Otto ex Benth.	4,8
47	Angico-preto	Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	4,8
48	Araticunzinho-do-cerrado	Annonaceae	<i>Duguetia fufuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff.	4,8
49	Arruda	Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	4,8
50	Babaneirinha	Heliconiaceae	<i>Heliconia</i> sp.	4,8
51	Bálsamo	Fabaceae	<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.	4,8
52	Barbaço	Asteraceae	<i>Pterocaulon virgatum</i> (L.) DC.	4,8
53	Baru	Fabaceae	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	4,8
54	Cabeça-de-perdiz	N.I.	Não identificado	4,8
55	Caferana	Asteraceae	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	4,8
56	Caínca	Rubiaceae	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitchc.	4,8

57	Capim-margoso	Poaceae	<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	4,8
58	Capim-trançado	N.I.	Não identificado	4,8
59	Carne-de-vaca	Proteaceae	<i>Roupala montana</i> Aubl.	4,8
60	Chapadinha	Fabaceae	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	4,8
61	Chapéu-de-couro	Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	4,8
62	Douradinha	Rubiaceae	<i>Palicourea coriacea</i> (Cham.) K.Schum.	4,8
63	Embaúba	Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	4,8
64	Gritadeira	Rubiaceae	<i>Palicourea rigida</i> Kunth	4,8
65	Ipê-roxo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	4,8
66	Japacanga-de-espinho	Smilacaceae	<i>Smilax</i> sp.	4,8
67	Lobeira	Solanaceae	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	4,8
68	Mama-cadela	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	4,8
69	Maria-pobre	Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	4,8
70	Navalhinha	Cyperaceae	<i>Cyperus</i> sp.	4,8
71	Orelha-de-onça ou guiné	Asteraceae	<i>Mikania sessilifolia</i> DC.	4,8
72	Para-tudo	Amaranthaceae	<i>Gomphrena officinalis</i> Mart.	4,8
73	Pau-do-cerrado	N.I.	Não identificado	4,8
74	Pau-terra	Volchysiaceae	<i>Qualea</i> sp.	4,8
75	Pé-de-pinto	N.I.	Não identificado	4,8
76	Picão	Asteraceae	<i>Bidens</i> sp.	4,8
77	Pitanga-do-cerrado	Myrtaceae	<i>Eugenia punicifolia</i> (Kunth) DC.	4,8
78	Pororoca	Myrsinaceae	<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz et Pavon) Mez.	4,8
79	Purrete	N.I.	Não identificado	4,8
80	Tamburil ou orelha-de-macaco	Fabaceae	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.	4,8
81	Tiborna	Apocynaceae	<i>Himatanthus obovatus</i> (Mull. Arg.) Woodson	4,8
82	Urtiguinha	Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus pubescens</i> Pohl	4,8
83	Vinhático	Fabaceae	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	4,8
Total				100,0

Analisando por gênero, as mulheres contribuíram com 67% das plantas citadas nas entrevistas. Silva *et al.* (2010) também concluiu em seu estudo nos assentamentos no sudoestes de Goiás que as mulheres são as principais pessoas responsáveis pelo cultivo e utilização das plantas medicinais em 80% dos lotes e a principal forma de transmissão do conhecimento destes vegetais ao longo dos anos é de modo falado e pela prática de cultivo.

Buscando compreender o estado de conservação do fragmento de vegetação nativa representado pela RL e APPs, questionou-se aos assentados sobre a existência de animais

silvestres na área do assentamento, pois estes podem permanecer em um determinado local quando encontram abrigo e alimento suficientes. Então pôde-se perceber a presença dessa fauna no local (Tabela 04), os assentados afirmaram que ainda avistam até animais que estão em risco de extinção, tais como o Lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*) e o Tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*).

Os participantes relataram que ainda acontece a caça e a pesca na área do assentamento para fins alimentícios. Para esse registro dos relatos locais sobre os animais que ainda são vistos, contou-se com o auxílio das “listas livres” (ALBUQUERQUE *et al.* 2008), as quais foram elaboradas junto aos participantes. Essa técnica busca informações específicas sobre um domínio cultural da comunidade estudada. Nessa lista elaborada pelos assentados foram citados apenas animais dos seguintes grupos: aves, mamíferos e répteis.

Tabela 04- Animais do Cerrado vistos pelos assentados na área do Assentamento Santa Rita. (Freq.= porcentagem de participantes que citaram o animal).

Grupo	Nome popular	Pista taxonômica	Freq. (%)
Aves	Seriema	<i>Cariama cristata</i>	9,8
	Mutum	<i>Crax fasciolata</i>	7,8
	Saracura	<i>Aramides cajanea</i>	3,9
	Curicaca	<i>Theristicus caudatus</i>	2,9
	Canarinho	<i>Sicalis flaveola</i>	2,0
	Ema	<i>Rhea americana</i>	2,0
	Inhambu	<i>Crypturellus sp.</i>	2,0
	Jacu	<i>Penelope sp.</i>	2,0
	Pássaro-preto	<i>Gnorimopsar chopi</i>	2,0
	Variedade de pássaros	(-)	2,0
	Arara-azul	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	1,0
	Codorna	<i>Nothura boraquira</i>	1,0
	Coruja	<i>Athene cunicularia</i>	1,0
	Curió	<i>Sporophila angolensis</i>	1,0
	Gralha	<i>Cyanocorax sp.</i>	1,0
	Jaó	<i>Crypturellus undulatus</i>	1,0
	Jaú	<i>Hydropsalis albicollis</i>	1,0
	João-de-barro	<i>Furnarius rufus</i>	1,0
	Periquito	<i>Aratinga leucophthalma</i>	1,0
	Pica-pau	<i>Colaptes campestris</i>	1,0
	Pomba	<i>Patagioenas cayennensis</i>	1,0
	Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i>	1,0
	Tucano	<i>Ramphastos toco</i>	1,0

Mamíferos	Cateto ou catitu	<i>Tayassu tajacu</i>	6,9
	Anta	<i>Tapirus terrestres</i>	5,9
	Capivara	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>	4,9
	Tamanduá-bandeira	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	4,9
	Veado	<i>Mazama sp.</i>	4,9
	Macaco	<i>Sapajus sp.</i>	2,0
	Paca	<i>Agouti paca</i>	2,0
	Quati	<i>Nasua nasua</i>	2,0
	Gato-do-mato	<i>Leopardus tigrinus</i>	1,0
	Lobo-guará	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	1,0
	Morcego	<i>Lonchophylla dekeyseri</i>	1,0
	Onça-pintada	<i>Panthera onca</i>	1,0
	Tatu-galinha	<i>Dasypus novemcinctus</i>	1,0
Répteis	Cascavel	<i>Crotalus durissus</i>	1,0
	Jararacão	<i>Bothrops sp.</i>	1,0
	Jararaquinha-rabo-de-osso	<i>Bothrops sp.</i>	1,0
	Jibóia	<i>Boa constrictor</i>	1,0
Total geral			100,0

Na oficina “Coleta de Sementes e Produção de Mudás” compareceram 35% da comunidade assentada, totalizando dezessete (17) pessoas (Foto 03). Foi ministrado um mini-curso sobre coleta, beneficiamento, armazenagem de sementes e produção de mudas, no qual os assentados puderam aprender a confeccionar saquinhos para mudas utilizando papel *craft* (Foto 04), material biodegradável em curto espaço de tempo, e que pode ser utilizado para a produção de mudas de hortaliças e espécies pioneiras.

Foto 03- Oficina “Coleta de Sementes e Produção de Mudas”, no Centro Comunitário do Assentamento Santa Rita (a e b).



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

Foto 04- Assentados confeccionando saquinhos de papel para mudas durante oficina.



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

No intuito de verificar o conhecimento dos assentados quanto ao reconhecimento de sementes e frutos de plantas nativas do Cerrado, montou-se uma “bancada de sementes e frutos” (Foto 05), na qual cada fruto ou semente foi disponibilizado em espaços individuais e sem qualquer identificação, apenas com uma ordem numérica, onde então os assentados puderam identificá-los, ou seja, davam nome aos frutos ou sementes que estavam ali disponibilizados. Na identificação das plantas os entrevistados, além da visão, utilizavam também o olfato, o tato e até a gustação (Tabela 05). Algumas espécies não foram identificadas por alguns dos assentados, houve alegações tais como:

“é mais fácil conhecer lá no mato, vendo o pau ou a árvore”.

Tabela 05- Modo de identificação utilizado pelos participantes do Assentamento Santa Rita no reconhecimento das plantas na Bancada de Sementes e Frutos.

Modo de Identificação	Frequência (%)
Olfato	15
Paladar	25
Tato	20
Visual	40
Total	100%

As plantas identificadas por mais de 50% dos participantes foram: cajuzinho-do-cerrado (*Anacardium humile*), jatobá-da-mata (*Hymenaea courbaril*), sucupira-branca (*Pterodon emarginatus*), jenipapo (*Genipa americana*), tento (*Ormosia arborea*), mutamba (*Guazuma ulmifolia*), articunzinho-do-cerrado (*Duguetia furfuracea*), tamburil (*Enterolobium timbouva*), baru (*Dipteryx alata*), murici-doce-do-campo (*Byrsonima basiloba*), embaúba (*Cecropia pachystachya*), angico-da-mata (*Anadenanthera falcata*) e aroeira-vermelha (*Schinus terebinthifolia*); essas plantas são muito utilizadas e conhecidas na região, pois sua ocorrência é bem comum. Nenhum dos participantes identificou as seguintes plantas: Bálsamo-do-cerrado ou balsiminho, vinhático, pindaíba-da-mata-seca, mandiocão, e negramina. O fruto da pata-de-vaca ou unha-de-boi foi muito confundido com o fruto do angico (Foto 06), podendo ser devido ao formato dos frutos serem semelhantes, assim como a semente de croada foi confundida com o amendoim de bugre (Tabela 06).

Foto 05- Bancada de sementes e frutos do Cerrado montada na oficina.



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

Foto 06- Fruto da planta pata-de-vaca (*Bauhinia forficata*) à esquerda; e fruto da planta angico (*Anadenanthera colubrina*) à direita.



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

Tabela 06 - Frequência da identificação de plantas nativas do Cerrado feita pelos participantes da Oficina “Coleta de Sementes e Produção de Mudas” no Assentamento Santa Rita (N=36).

N.I.	Nome popular	Nome científico	Não reconheceu (Freq. %)	Reconheceu (Freq. %)	Reconheceu como outra espécie (Freq. %)
1	Croada	<i>Mouriri acutiflora</i> Mart.	67	0	33
2	Pau-terra-vermelho	<i>Qualea multiflora</i> Mart.	89	11	0
3	Cajuzinho-do-cerrado	<i>Anacardium humile</i> Engl.	0	100	0
4	Jatobá-da-mata	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	0	100	0
5	Angico-do-cerrado	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	78	0	22
6	Pata-de-vaca, unha-de-boi	<i>Bauhinia forficata</i> Link	33	22	44
7	Sucupira-branca	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	0	100	0
8	Pau-terra-da-folha-larga	<i>Qualea grandiflora</i> Mart.	44	33	22
9	Bálsamo-do-cerrado, balsiminho	<i>Diptychandra aurantiaca</i> Tul.	100	0	0
10	Vinhático	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	100	0	0
11	Copaíba, pau-d'óleo	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	89	11	0
12	Pindaíba-da-mata seca	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	100	0	0
14	Mandiocão	<i>Schefflera morototoni</i> (Aubl.) Maguire, Steyerm. & Frodin	100	0	0
15	Ingá-carvoeiro	<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel	78	11	11
16	Lixeirinha, brinquinho	<i>Davilla elliptica</i> A. St.-Hil.	67	33	0
17	Tento	<i>Ormosia arborea</i> (Vell.) Harms	11	89	0
18	Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	89	11	0
19	Mutamba	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	11	89	0
20	Negramina	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	100	0	0
21	Boca-boia	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	78	11	11
22	Pindaibão-de-mata-seca	<i>Guatteria oligocarpa</i> Mart.	89	0	11
23	Pimenta-de-macaco	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	56	44	0

24	Sofre-do-rim-quem-quer, articunzinho-do-cerrado	<i>Duquetia furfuracea</i> (A. St.-Hil.) Saff.	22	78	0
25	Morcegueira, mata-barata	<i>Andira cuyabensis</i> Benth.	67	11	22
27	Murici-doce-do-campo	<i>Byrsonima basiloba</i> A. Juss.	33	67	0
28	Embaúba	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	33	67	0
29	Caroba-azul	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	33	22	44
30	Sôbro, sôbre	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers	89	11	0
31	Orelha-de-negro, orelha-de- macaco, tamburil	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.	22	78	0
32	Angico-da-mata	<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg.	33	67	0
33	Baru	<i>Dipteryx alata</i> Vogel	22	78	0
34	Aroeira-vermelha	<i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	44	56	0
35	Saboneteira, sabonete-de-macaco	<i>Sapindus saponaria</i> L.	78	11	11
36	Faveiro	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	67	33	0
37	Chapadinha-do-cerrado	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	89	0	11
38	Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	0	100	0

Analisando o gênero dos participantes da bancada de sementes e frutos, foram 50% masculino e 50% feminino. Nessa etapa o gênero masculino obteve maior conhecimento, alcançando 63% do total de plantas identificadas.

Buscando reconhecer as plantas existentes na área do assentamento, bem como seus potenciais de uso, foram realizados dois percursos em áreas de cerrado, onde foram encontradas 47 espécies nativas com potencial de uso medicinal, culinário, alimentício, para produção de utensílios domésticos entre outros, as quais foram coletadas e identificadas com a ajuda de uma especialista (Quadro 01).

O primeiro percurso (Foto 07) realizado no Lote 19 foi realizado em uma área de ecótono (Foto 08), ou seja, em uma zona de transição de uma mata para o campo, onde se reconhece a fitofisionomia Mata de Galeria dentro da qual a nascente e o curso d'água estavam secos (Foto 08). Nesse percurso foram identificadas 27 espécies de plantas.

Foto 07- Vista aérea do primeiro percurso, Lote 13, Assentamento Santa Rita.

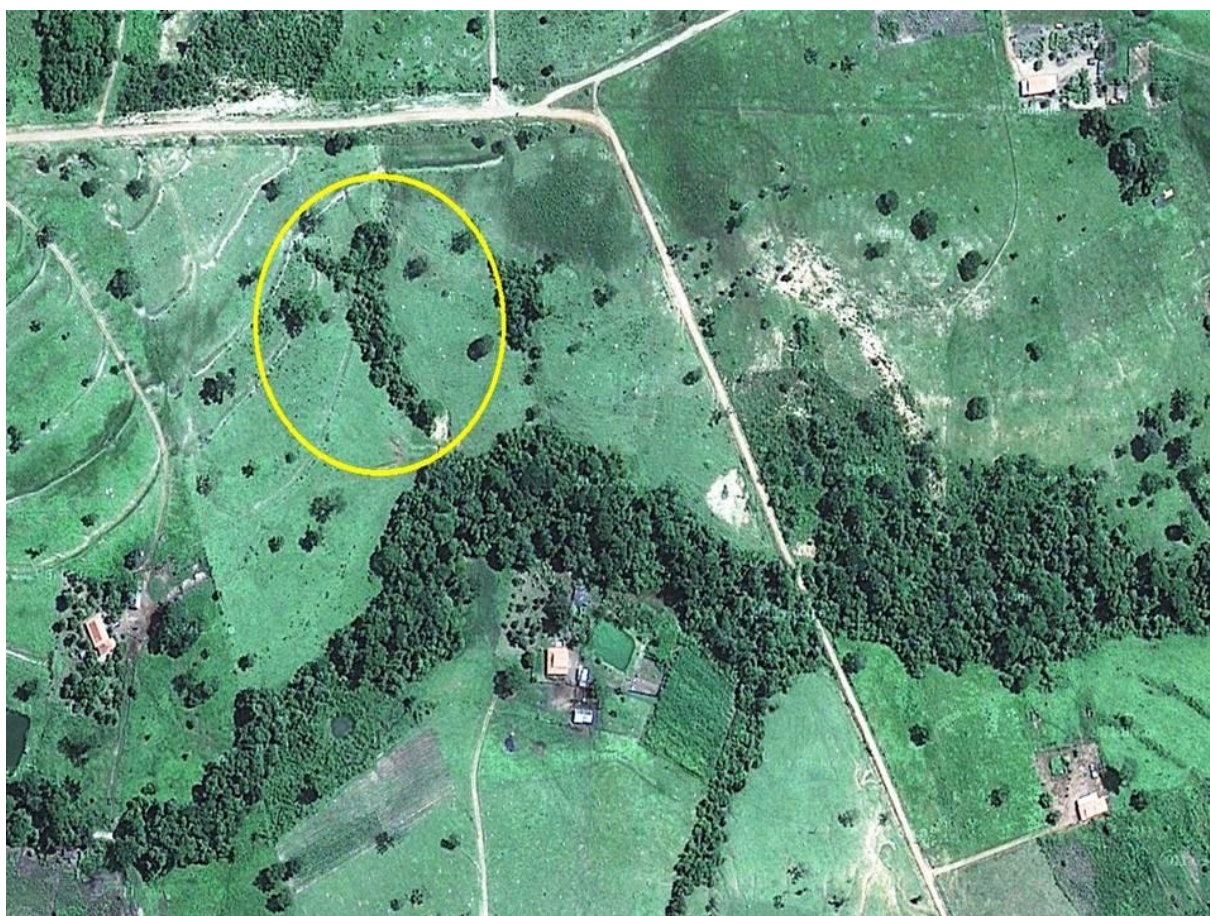


Foto 08- Vista externa da mata de galeria no Lote 19, Assentamento Santa Rita.



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

Foto 09- Leito seco da mata de galeria no Lote 19, Assentamento Santa Rita.



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

Já o segundo percurso foi realizado no Lote 13 (Foto 10), em uma área úmida, popularmente chamada de brejo (Foto 11), identificada também como uma fitofisionomia de Mata de Galeria ao redor de uma nascente ativa, e foram identificadas 20 espécies de plantas.

Foto 10- Área do segundo percurso, Lote 13, Assentamento Santa Rita.



Foto: LIMA, J. R. S., 2012

Foto 11- Vista aérea do segundo percurso, Lote 13, Assentamento Santa Rita.



Quadro 01- Espécies nativas de Cerrado encontradas no Assentamento Santa Rita e identificadas por especialista, conforme Herbário Jataiense (HJ). Áreas: 1-Ecótono/ Mata de Galeria; 2- Brejo/Mata de Galeria.

NI	Área/ Fitofisio- nomia	Família	Gênero /spp	Identificação	Nome regional	Potencial de uso
1	1	Fabaceae	<i>Enterolobium</i> sp.	-	Ximbuva, tamburil, orelha-de-negro	tóxico
2	1	Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	-	Angico-da-mata	madeireiro
3	1	Fabaceae	<i>Hymenea courbaril</i> L.	-	Jatobá-da-mata	alimentício, medicinal
4	1	Asteraceae	<i>Chromolaena odorata</i> (L.) R.M. King & H. Rob.	cf HJ 3825	Assa-peixe ou cruzinha	medicinal
5	1	Meliaceae	<i>Cedrela</i> sp.	-	Não identificado	madeireiro
6	1	Cannabaceae	<i>Celtis iguanaea</i> (Jacq.) Sarg.	cf HJ 5738	Não identificado	fabricar utensílios domésticos
7	1	Asteraceae	<i>Mikania cordifolia</i> (L.f.) Willd.	cf HJ 2559	Guaco-do-mato	medicinal
8	1	Asteraceae	<i>Vernonanthura ferruginea</i> (Less.) H. Rob.	-	Assa-peixe	medicinal
9	1	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	-	Mentrasito	medicinal
10	1	Amaranthaceae	<i>Pfaffia</i> sp.	-	Não identificado	ornamental
11	1	Malvaceae	<i>Luehea grandiflora</i> Mart. & Zucc.	-	Açoita-cavalo-da-folha- grande	uso doméstico, cosmético
12	1	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> (Mill.) Vahl	-	Gervão	medicinal
13	1	Verbenaceae	<i>Lantana</i> sp.	-	Camará	ornamental
14	1	Smilacaceae	<i>Smilax brasiliensis</i> Spreng.	-	Japacanga, salsaparrilha	medicinal
15	1	Lamiaceae	cf. <i>Hyptis</i> sp. 2	-	Hortelã-do-campo	medicinal, doméstico
16	1	Lamiaceae	<i>Hiptis suaveolens</i> (L.) Poit.	cf HJ 1600	Melosa, mata-pasto	medicinal
17	1	Malvaceae	<i>Sida</i> sp.	-	Vassourinha	utensílio doméstico
18	1	Anacardiaceae	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott	-	Gonçalo-alves	madeireiro, medicinal
19	1	Poaceae	sp. 1	-	Taboca	utensílio doméstico

20	1	Asteraceae	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H. Rob.	-	Assa-peixe-branco	medicinal
21	1	Lamiaceae	<i>Hiptis recurvata</i> Poit.	cf HJ 4086	Hortelã-do-campo	medicinal
22	1	Bignoniaceae	<i>Tabebuia</i> sp.		Itaipoca ou ipê	ornamental
23	1	Piperaceae	<i>Piper esperancanun</i> Yunck	cf HJ 3080	Jaborandi	medicinal, cosmético
24	1	Dilleniaceae	<i>Curatela americana</i> L.	-	Lixeira	culinária
25	1	Convolvulaceae	<i>Evolvulus</i> sp.	-	Azulzinha, uvinha	ornamental
26	1	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	-	Aroeira	madeira, medicinal
27	1	Sapindaceae	<i>Dilodendron bippinnatum</i> Radlk.	-	Mulher-pobre	doméstico, higiene
28	2	Myrtaceae	<i>Psidium</i> sp.	-	Araçá, goiabinha-do-cerrado	alimento
29	2	Combretaceae	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	-	Capitão-do-campo	medicinal, madeira
30	2	Fabaceae	sp. 2	-	Não identificado	madeira
31	2	Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill.	-	Sangra-d'água	medicinal
32	2	Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	-	Mutamba	alimento, madeira
33	2	Myrsinaceae	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	-	Pororoca	madeira
34	2	Piperaceae	<i>Piper cf hispidum</i> Mart. & Gall	cf HJ 3086	Jaborandi	medicinal, cosmético
35	2	Melastomastaceae	<i>Miconia chamissois</i> Naudin	cf HJ 2191	Não identificado	ornamental
36	2	Rubiaceae	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A.Rich.	-	Marmelada	alimento, fruto comestível
37	2	Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	-	Cana-de-macaco	medicinal, alimento, ornamental
38	2	Asteraceae	<i>Chromolaena laevigata</i> (Lam.) R. M. King. & H. Rob.	-	Assa-peixe-do-brejo	medicinal
39	2	Lamiaceae	<i>Hiptis</i> sp. 3	-	Hortelã-do-campo	medicinal
40	2	Annonaceae	<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.	-	Pimenta-de-macaco	condimento, culinária
41	2	Rubiaceae	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth	-	Chá-de-bugre, congonha-de-bugre	medicinal
42	2	Malvaceae	<i>Luehea divaricata</i> Mart. & Zucc.	cf HJ 137	Açoita-cavalo-da-folha-miúda	doméstico

43	2	Lamiaceae	<i>Hiptis</i> sp.1	-	Hortelã-do-campo	medicinal
44	2	Asteraceae	sp. 7	-	Assa-peixe	medicinal
45	2	Asteraceae	sp. 8	-	Assa-peixe	medicinal
46	2	Fabaceae	<i>Cassia</i> sp.	-	Fedegoso	medicinal
47	2	Asteraceae	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	-	Chifre-de-garrotinho, carrapicho-de-carneiro	medicinal

As turnês-guiadas foram realizadas com 20% dos participantes da pesquisa. Os informantes escolhidos foram os que atingiram o maior número de plantas citadas na primeira entrevista. Esses foram identificados como I 01, I 02, I 03 e I 04.

O primeiro informante (I 01) desempenhou um esforço/participante de cem minutos, com o segundo informante (I 02) foram quarenta minutos, como terceiro informante (I 03) foram sessenta minutos, e por fim com o último informante (I 04) foram quarenta e cinco minutos.

Os informantes ficaram livres para mostrar quais e quantas plantas eles identificavam ao seu redor, passando pelos quintais, pastagens, cerrados e matas próximas de suas residências.

As plantas identificadas pelos informantes (Tabela 07), segundo a finalidade informada pelos mesmos, foram agrupadas de acordo com as seguintes etnocategorias (definidas pelo pesquisador):

- Medicinal – plantas utilizadas no tratamento de doenças humanas;
- Alimentício – plantas utilizadas para alimentação humana;
- Lenha – plantas que fornecem lenha para queimar (fogão a lenha, fogueiras, entre outros);
- Melífera – plantas que fornecem néctar para abelhas, já que a apicultura é uma prática comum no assentamento;
- Ornamental – plantas conservadas ou cultivadas pelo informante para deixar seu ambiente mais bonito, alegre e agradável;
- Construção – plantas que fornecem madeira para construção de casas, curral, cerca, poste e tábuas;
- Tecnologia – plantas que fornecem madeira para a fabricação de móveis, ferramentas e utensílios domésticos;
- Zootécnica – plantas que fornecem alimento, abrigo ou remédio para animais silvestres ou domésticos;
- Cosméticos – plantas utilizadas na fabricação de cosméticos, realizada por parte das mulheres do assentamento;
- Tóxica – plantas identificadas como venenosas pelos assentados;
- Outros – plantas utilizadas de qualquer outra forma, e que não se encaixe em nenhuma das etnocategorias supracitadas, por exemplo, sombra e adubo.

Tabela 07- Plantas identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita através das turnês-guiadas. Onde: PC=parte citada, lenha=LE, alimentício=AL, medicinal=ME, melífera=ML, ornamental=OR, construção=CS, tecnologia=TC, outros usos=OU, zootécnica=ZO, cosmético=COS, tóxica=TX, N.I.=não identificado.

Família	Nome científico	Nome popular	Etnocategoria	PC	FREQ(%)
Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltdl.) Micheli	Chapéu-de-couro	ME	N.I.	25
Amaranthaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Erva-santa-maria	ME	folha	25
Anacardiaceae	<i>Astronium graveolens</i> Jacq.	Guaritá	CS	lenho	50
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	ME, CS	flor, lenho	75
	<i>Lithraea molleoides</i> Engl.	Aroeirinha	CS	lenho, casca	25
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Pombo-vermelho	CS	lenho	25
Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	ME	fruto	25
	<i>Macrosiphonia velame</i> (A. St.-Hil.) Müll. Arg.	Velame-branco	ME	folha, raiz	25
	<i>Aspidosperma parvifolium</i> A. DC.	Guatambú	CS, TC, ME	lenho	75
	<i>Aspidosperma cylindrocarpon</i> Mull. Arg.	Peroba-rosa	CS, TC	lenho	25
Arecaceae	<i>Attalea brasiliensis</i> Glassman	Bacurí	AL	fruto	25
Asteraceae	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Alecrim-do-mato	ML	flor, casca	25
	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Caferana	ME	folha	25
	<i>Mikania sessilifolia</i> DC.	Orelha-de-onça ou carijó	ME	folha	25
	<i>Ageratum conyzoides</i> (L.) L.	Mentrasto	ME	folha	25
	<i>Vernonia polyanthes</i> Less.	Assa-peixe-branco	ME	folha, raiz, flor	50
	<i>Vernonia</i> sp.	Assa-peixe-roxo	ME	folha, raiz, flor	25
Bignoniaceae	<i>Dolichandra unguis-cati</i> (L.) L.G.Lohmann	Cipó-largatixa	OU	folha, lenho	50
	<i>Tabebuia</i> sp.	Caraíba	LE, OR	lenho, casca	50
	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê-rosa	OR, OU	N.I.	25

	<i>Handroanthus ochraceus</i> (Cham.) Mattos	Ipê-amarelo-mirim	COS, CS	lenho	25
	<i>Handroanthus heptaphyllus</i> (Vell.) Mattos	Ipê-roxo	COS, CS	lenho	25
	<i>Jacaranda macrantha</i> Cham.	Carobinha	CS	lenho	25
	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Ipê-amarelo	CS	lenho	50
	<i>Tabebuia roseoalba</i> (Ridley) Sandwith	Ipê-branco	CS	lenho	25
Caryocaraceae	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Pequi	ME	fruto, lenho	25
Combretaceae	<i>Buchenavia tomentosa</i> Eichler	Boca-boca	CS	fruto, lenho	25
	<i>Terminalia argentea</i> Mart.	Capitão	ME, CS	casca	75
Connaraceae	<i>Rourea induta</i> Planch.	Butica-inteira ou gemadinha	ME	N.I.	25
Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Maruleite	ME	N.I.	25
Cucurbitaceae	<i>Apodanthera villosa</i> C.Jeffrey	Batata-de-tiú	ME	raíz	25
Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Lixeira	OU	folha	25
Ebenaceae	<i>Diospyros inconstans</i> Jacq.	Maria-preta	LE, ME, CS	lenho, casca	50
Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra-d'água	ME	casca, látex	25
	<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Leiteiro	OU, ZO	N.I.	50
Fabaceae	<i>Sclerolobium paniculatum</i> Vogel	Ingá-carvoeiro	CS, LE	lenho	25
	<i>Anadenanthera colubrina</i> var. <i>cebil</i> (Griseb.) Altschul	Angico-do-campo	CS, ME	casca	75
	<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J. F. Macbr.	Minjolo	LE	lenho, casca	25
	<i>Erythrina mulungu</i> Mart	Mungulu	ME	N.I.	25
	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Jatobá-do-campo	ME	fruto, casca	25
	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel	Sucupira-branca	ME, CS	fruto	50
	<i>Platypodium elegans</i> Vogel	Canzileiro	LE	lenho, casca	25
	<i>Anadenanthera falcata</i> (Benth.) Speg.	Angico-da-mata	LE, CS, ME	lenho, casca	50
	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	Chapadinha	CS	lenho	50
	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J. F. Macbr	Garapa	CS, TC	lenho	25
	<i>Albizia niopoides</i> (Spruce ex Benth.) Burkart	Camisa-fina	OR	N.I.	25
	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	CS, ME, TC	lenho, óleo	75

	<i>Dimorphandra mollis</i> Benth.	Faveiro	OU	N.I.	25
	<i>Bauhinia</i> sp.	Unha-de-cabra ou miroró	OU	N.I.	25
	<i>Plathymenia</i> sp.	Vinhático-do-cerrado	LE	lenho, casca	25
	<i>Sweetia fruticosa</i> Spreng.	Cangica	CS	lenho	25
	<i>Enterolobium timbouva</i> Mart.	Tamburil	CS, TX	lenho, fruto	25
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá-da-mata	CS, ME, AL	lenho, fruto, resina	100
	<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Vinhático-da-cultura	CS	lenho	25
	<i>Machaerium acutifolium</i> Vogel	Jacarandá	CS, TC	lenho	50
Hypericaceae	<i>Hypericum</i> sp.	Vassourinha-de-são-joão ou de santo-antônio	ME	folha	25
Icacinaceae	<i>Emmotum nitens</i> (Benth.) Miers	Sobro	LE	lenho, casca	25
Lecythidaceae	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Jequitibá	CS	lenho	25
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	ME	fruto, casca	25
	<i>Lafoensia pacari</i> A. St.-Hill	Didal	CS	lenho	25
Malpighiaceae	<i>Strychnos</i> sp.	Quininha	ME	raíz	25
	<i>Byrsonima verbascifolia</i> (L.) Rich	Murici-do-mato	LE	fruto, lenho	25
Malvaceae	<i>Luehea grandiflora</i> Mart.	Açoita-cavalo-da-folha-grande	LE	lenho, casca	25
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açoita-cavalo-da-folha-miúda	LE	lenho, casca	25
	<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	ME	folha	25
	<i>Helicteres sacarolha</i> A.St.-Hil. et al.	Rosquinha	ME	N.I.	25
	<i>Pseudobombax tomentosum</i> (Mart.& Zucc.) A.Robyns	Imbiruçu	OU	fruto	25
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	CS	lenho	25
Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro	CS, TC	lenho	75
Moraceae	<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Moreira	LE, ME	casca	25
	<i>Ficus gardneriana</i> (Miq.) Miq.	Gameleira	OU	N.I.	25

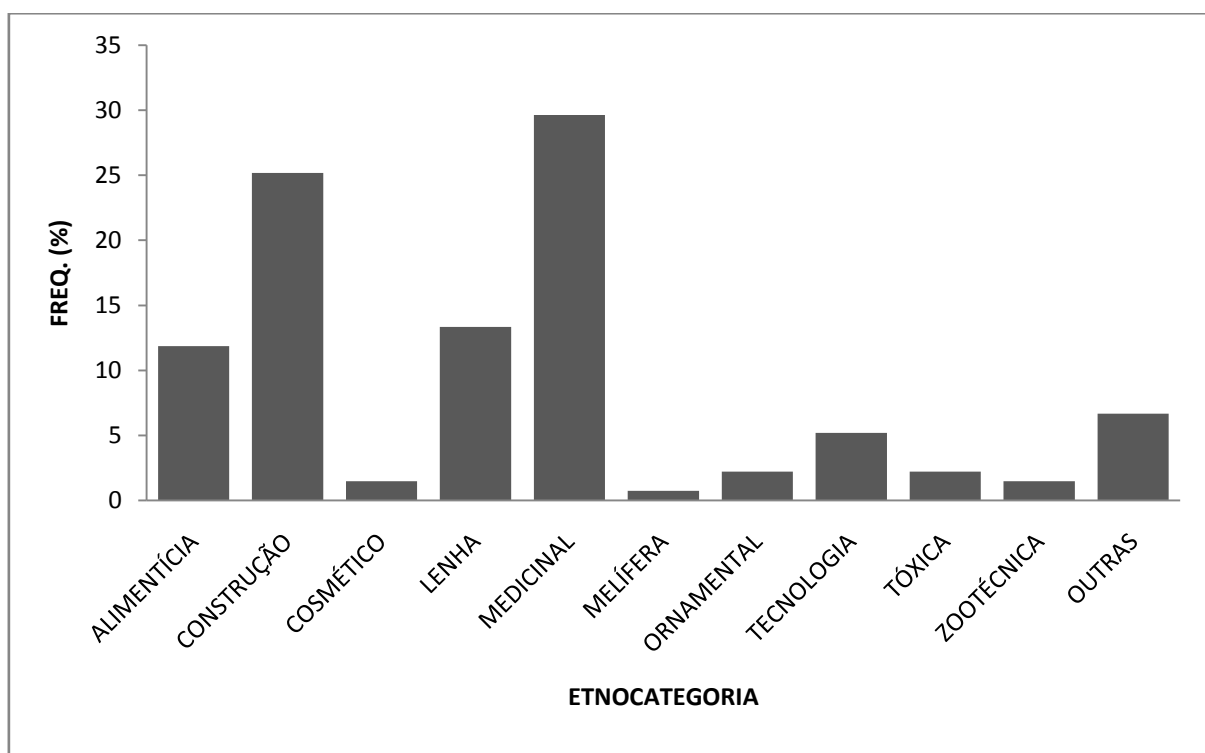
Myrsinaceae	<i>Rapanea ferruginea</i> (Ruiz et Pavon) Mez.	Pororoca	CS	lenho	25
Myrtaceae	<i>Eugenia klotzschiana</i> Berg	Pêra-do-cerrado	AL	fruto	25
	<i>Psidium araca</i> Raddi	Aracá	AL	fruto	25
	<i>Eugênia dysenterica</i> DC.	Cagaita	AL	fruto	25
N.I.	N.I.	Flor-de-zinco	ME	N.I.	25
N.I.	N.I.	Lindáia	ME	folha	25
N.I.	N.I.	João-farinha	LE	lenho, casca	25
N.I.	N.I.	Sete-cascas	LE	lenho, casca	25
N.I.	N.I.	Jacaré	CS	lenho	50
N.I.	N.I.	Cumbiquinha	CS, LE	lenho, casca	25
Phytolaccaceae	<i>Phytolacca dioica</i> L.	Cebolão	LE	lenho, casca	25
Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	None	ME	fruto	25
	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Amendoim-de-bugre	AL	fruto	25
	<i>Alibertia edulis</i> (Rich.) A. Rich ex DC	Marmelada	AL	fruto	25
	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	AL, TC	fruto, lenho	25
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Maminha-de-porca	CS, OU, ME	lenho, casca	50
Sapindaceae	<i>Dilodendron bipinnatum</i> Radlk.	Maria-pobre, mamoninha	LE	lenho, casca	25
	<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	Lichia	AL	fruto	25
	<i>Matayba elaeagnoides</i> Radlk.	Cambuata	LE	lenho, casca	25
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	ME, AL	fruto	25
	<i>Lycopersicum esculentum</i> Mill.	Tomate-de-casa	ME	folha	25
	<i>Lycopersicum pimpinellifolium</i> Dunal	Tomatinho-azedo	ME	folha	25
Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Embaúba	ME, ZO	folha, fruto	75
Verbenaceae	<i>Stachytarpheta angustifolia</i> (Mill.) Vahl	Gervão	ME	folha	50
Volchysiaceae	<i>Qualea parviflora</i> Mart.	Pau-terra-da-folha-miúda	CS	lenho	25

As plantas com o maior número de citação foram: *Hymenaea courbaril* (jatobá-da-mata), *Anadenanthera colubrina* var. *cebil* (angico-do-campo), *Myracrodruon urundeuva* (aroeira), *Terminalia argentea* (capitão), *Cedrela fissilis* (cedro), *Copaifera langsdorffii* (copaíba), *Cecropia glaziovii* (embaúba), *Aspidosperma parvifolium* (guatambú); apresentaram usos diversos e foram incluídas em até três etnocategorias diferentes.

A etnocategoria medicinal obteve o maior destaque, com um percentual de 30%, equivalente a 40 plantas; em segundo lugar veio a etnocategoria construção com um percentual de 25%, equivalente a 34 plantas (Gráfico 02).

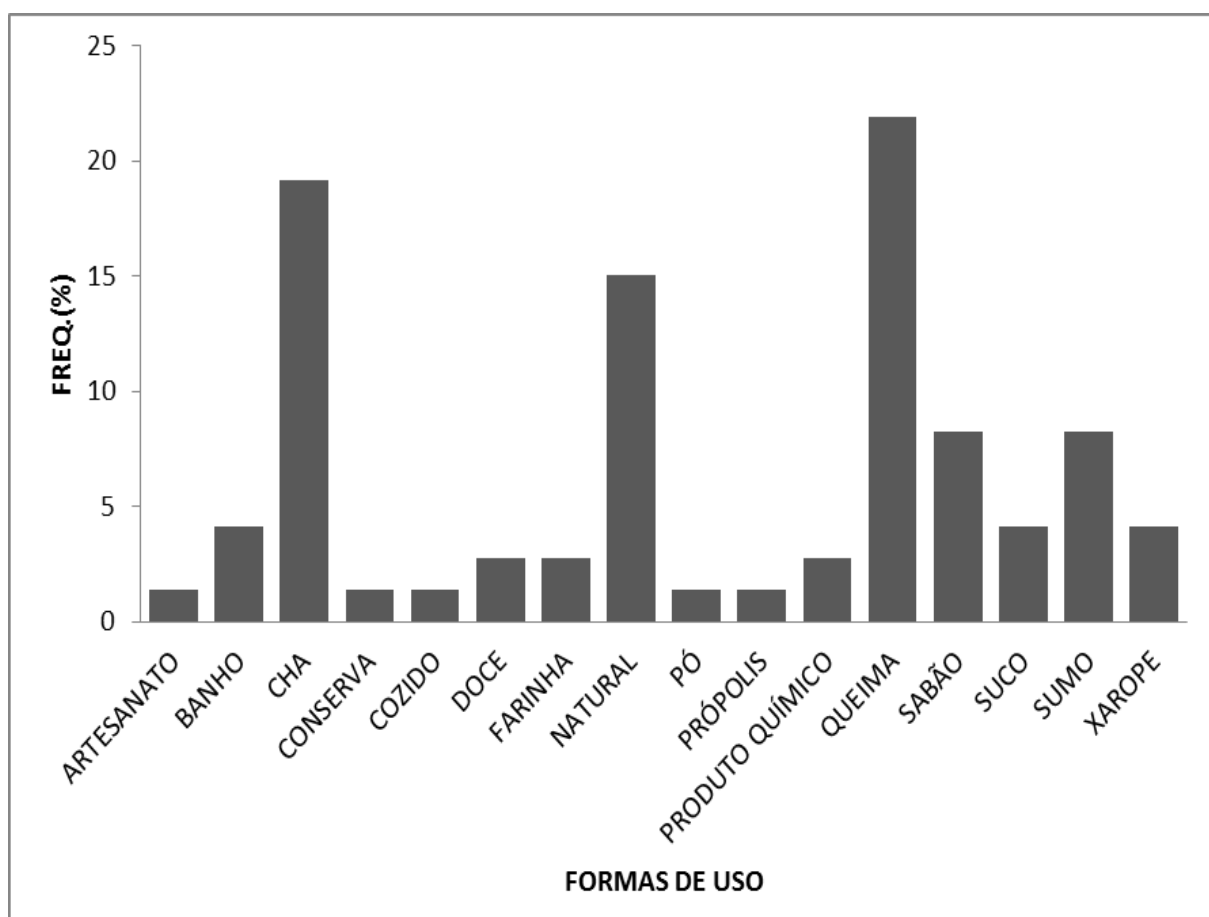
Segundo Guarim Neto (2003) a diversidade de gênero, família e ordem, mostra a importância do Cerrado para pesquisas relacionadas às plantas medicinais, pois quanto maior for a diversidade taxonômica em níveis superiores, maior é o distanciamento filogenético e a diversidade química entre as espécies; portanto a gama e o potencial de compostos bioativos produzidos pelo Cerrado seriam maiores que os da Floresta Amazônica. O autor ainda afirma que por essas características o bioma Cerrado deveria ser área prioritária de pesquisas com plantas medicinais e conservação de recursos naturais.

Gráfico 02- Proporção de plantas por etnocategorias de usos identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.



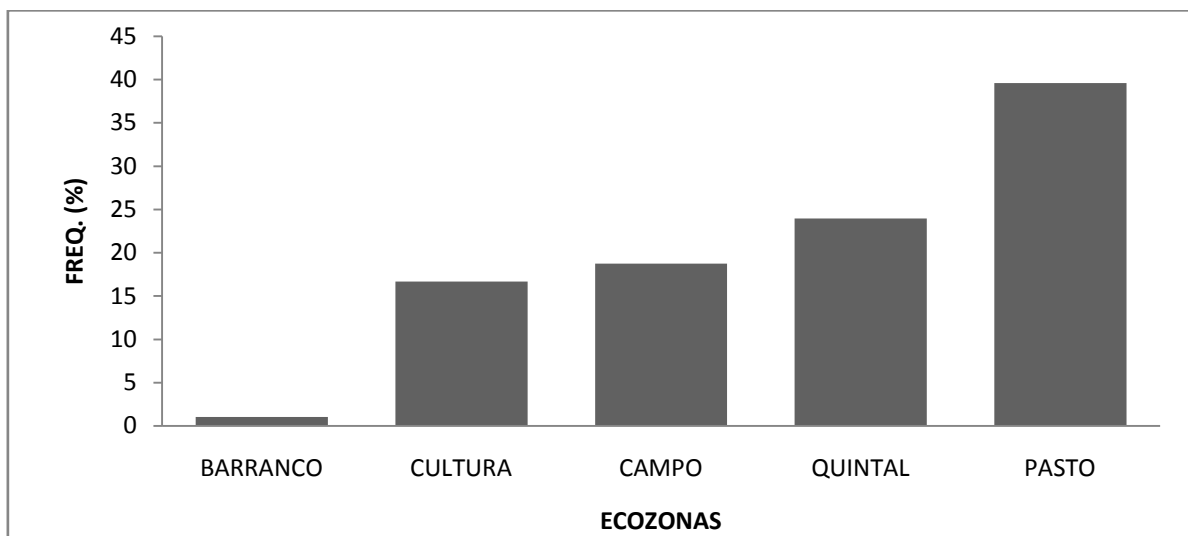
Dentro dessas etnocategorias, existem várias formas de uso, por exemplo, dentro da etnocategoria alimentícia, relacionou-se as seguintes formas de uso: suco, natural (sem nenhum preparo), cozido, doce; da etnocategoria medicinal tem-se: chá, xarope, sumo, banho, pó; e as demais formas de uso (Gráfico 03). Em um estudo desenvolvido em assentamentos rurais no sudoeste do estado de Goiás, Silva *et al.* (2010) também constatou que as formas de preparar as plantas para o consumo são bem variadas “os entrevistados conhecem e fazem uso de uma variedade de formas de preparação, principalmente os chás, seguidos das garrafadas, banhos, sucos, emplastos, saladas, entre outras formas”.

Gráfico 03- Proporção de plantas por formas de usos identificadas pelos moradores do Assentamento Santa Rita.



As plantas identificadas nas turnês-guiadas foram encontradas em diferentes locais, as unidades de paisagens definidas pelos informantes foram: campo, cultura, quintal, pasto e barranco (Gráfico 04).

Gráfico 04- Proporção de plantas encontradas por área, identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.



Segundo Souto (2010) a percepção do ambiente e identificação de zonas ecológicas por comunidades tradicionais tem se mostrado um fenômeno bastante comum. Assim, durante as turnês foi possível reconhecer essas “ecozonas” diferenciadas pelos assentados, que segundo Posey (1987) indica uma área ecológica reconhecida em sistemas culturais tradicionais, ou seja, “uma categoria cognitiva (êmica) que pode ou não coincidir com as tipologias científicas”.

A percepção e o conhecimento dos informantes parecem estar assimilados ao tipo de solo local e às diferenciações da flora que compõe o ambiente. Um dos informantes relata que

“Tudo que planta em terra de cultura dá, a terra é mais boa, por isso as árvore é maior.”

Comparou-se as características dessas ecozonas com as fitofisionomias descritas por Ribeiro & Walter (2008), e pode-se relacionar o “campo” com as áreas de cerrado restrito e campo sujo; a área de “cultura” corresponde a mata de galeria, cerradão e mata-seca; por fim, a área de “barranco” corresponde a áreas de beira de rio, ou seja matas ciliares.

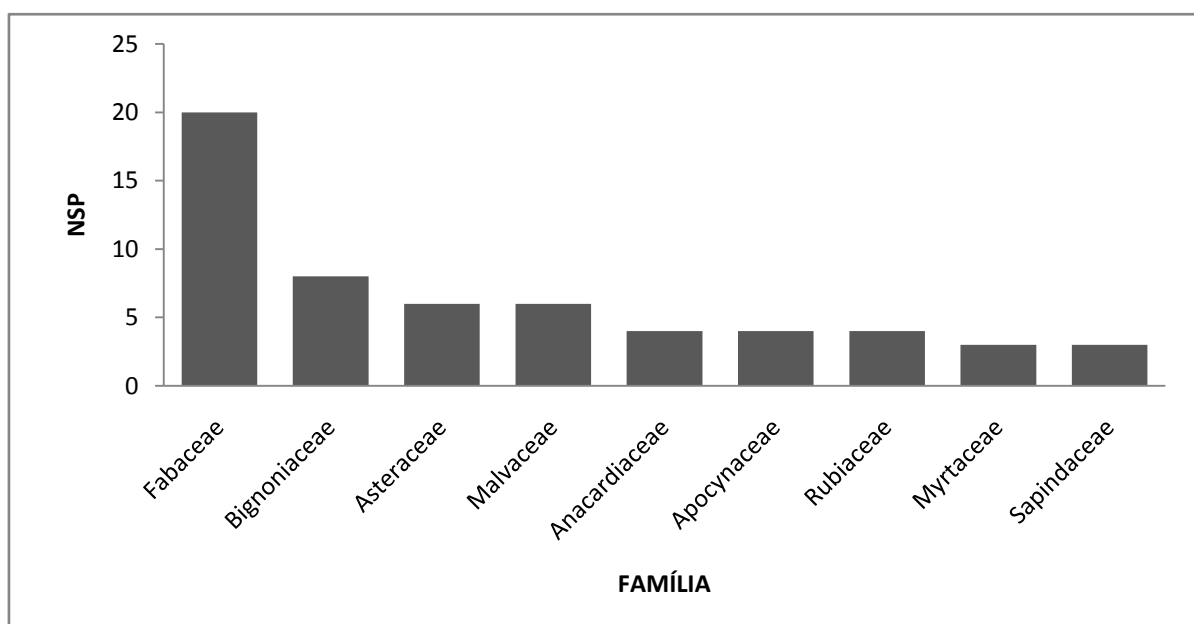
Das plantas identificadas o maior número (38) foi encontrado em meio às pastagens, chamado pelos assentados de “pasto”, o que está relacionado ao uso da terra, pois tanto antes, bem como depois da implantação do assentamento, a vegetação nativa era retirada para introdução de gado, onde a pecuária era atividade predominante. Os resultados de Silva *et al.* (2010) demonstram que a maioria das plantas citadas pelas comunidades estudadas são

obtidas em cultivos, ou seja, em quintais, hortas e nos roçados; as demais são obtidas por meio de coletas em vegetação nativa, não sendo cultivadas.

Para Carniello (2007) os locais fornecedores de recursos vegetais compreendem as áreas manejadas, como quintais, roças, pastagens e também as áreas naturais, porém o quintal é o principal fornecedor desses recursos nas comunidades estudadas.

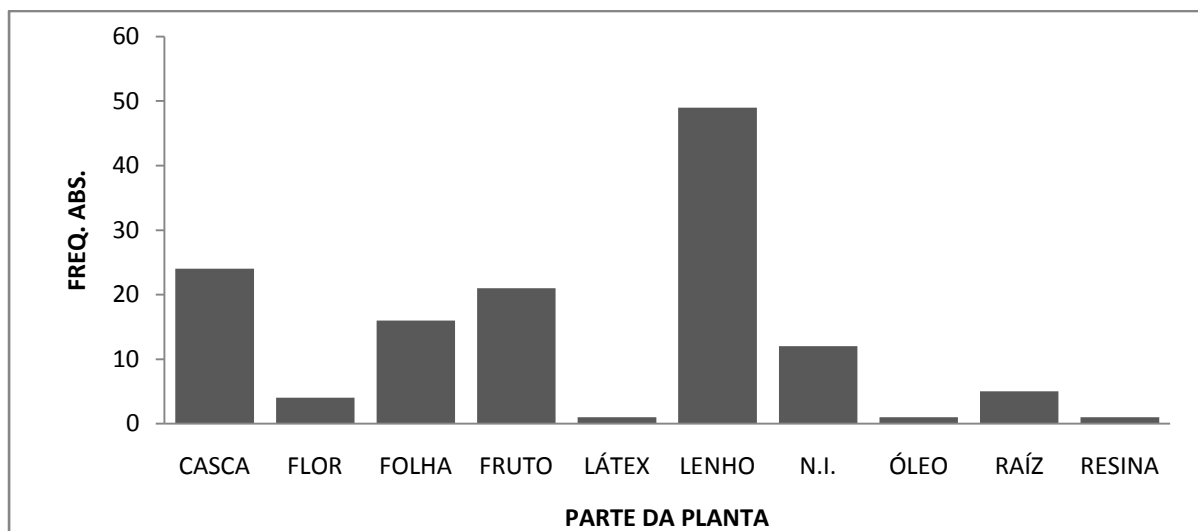
Foram identificadas 34 famílias botânicas no geral. As famílias de maior destaque foram Fabaceae, Bignoniaceae, Asteraceae e Malvaceae (Gráfico 05). Sendo que das 20 espécies identificadas da família Fabaceae, 19 são arbóreas, onde predominou a etnocategoria de uso madeireiro (construção e lenha) representando 47%.

Gráfico 05- Proporção de plantas encontradas por área, identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.



Considerando as etnocategorias, bem como as partes utilizadas das plantas (Gráfico 06), as mesmas podem apresentar estado de conservação vulnerável, pois daquelas com potencial madeireiro se utiliza toda a parte lenhosa, sendo feito corte raso eliminando o indivíduo. Já no estudo de Silva *et al.* (2010), quanto à parte vegetal mais utilizada, as comunidade assentada usa as mais diversas em suas preparações fitoterápicas, porém as folhas é a principal parte utilizada.

Gráfico 06- Partes utilizadas das plantas identificadas por moradores do Assentamento Santa Rita.



Dos quatro informantes das turnês guiadas, três também participaram da bancada de sementes e, quando comparados o domínio de reconhecimento das plantas em campo e na bancada, eles apresentaram um nível de conhecimento muito maior quando observaram a planta no seu ambiente natural, do que apenas em partes (fruto, semente) apresentadas aleatoriamente. Das plantas apresentadas na bancada de sementes (38 sp.), o informante I01 identificou 24 plantas; o I02 e I04 16 plantas. Em campo, de um total de 127 plantas reconhecidas pelos quatro informantes, o I01 identificou 56 plantas; o I02 24 plantas e o I04 23 plantas. Esta questão reforça a importância do conhecimento tradicional, sendo que o conhecimento é repassado pela experiência de conhecer as espécies e suas interações ecológicas.

Segundo Almeida (2005) são as populações que habitam as matas, os cerrados e as caatingas e as áreas rurais, onde expressam sua cultura ecológica, que tem condições de manter a base de recursos como legado de um patrimônio histórico, cultural e ambiental.

Analisando por gênero, os participantes das turnês-guiadas foram representados por 50% do gênero masculino e 50% feminino. Nessa etapa o gênero masculino obteve maior conhecimento, alcançando 63% do total de plantas identificadas.

6. Considerações finais

O Brasil apresenta um histórico de colonização e ocupação territorial pautado na exploração desenfreada dos elementos naturais e na conversão das áreas em espaço cultivados, seguindo os ciclos econômicos mundiais vigentes.

Em resposta a conversão dos espaços, os biomas originais se encontram fragmentados, ilhados e com expressiva erosão da biodiversidade e, dentre os biomas mais ameaçados, o Cerrado é o mais preocupante, pois o processo de degradação foi e continua sendo o mais acelerado e intensificado. A partir da segunda metade do século XX, o agronegócio, representado pela agricultura intensiva de produção de grãos, bem como pela construção de barragens, pela atuação das carvoarias e a rápida urbanização, alterou e ainda tem alterado profundamente as paisagens e o modo de vida das populações tradicionais, com grande impacto ambiental, social e cultural.

Diante de tal realidade é urgente estabelecer estratégias de conservação do que resta de Cerrado, juntamente com o conhecimento que se detém sobre este bioma. Assim, resgatar o conhecimento etnobotânico das populações que habitam as áreas de Cerrado desde tempos remotos, representa um importante caminho para perpetuar o saber tradicional e sensibilizar a comunidade acadêmica, a sociedade comum e os representantes governamentais, sobre a relevância de manter o que ainda resiste do Cerrado e de recuperar as áreas já degradadas.

Considerando o conhecimento investigado e registrado acerca dessa área de remanescente de Cerrado, este estudo permite inferir que a comunidade apresenta um profundo conhecimento sobre a vegetação local e suas potencialidades. Para eles, a vegetação nativa ali presente corresponde a uma riqueza material e imaterial, a qual define sua permanência na terra. Essa mesma riqueza é mediada e manifestada pelo acervo de conhecimento acumulado ao longo de várias gerações. Esse conhecimento é repassado entre as famílias e para outros grupos de contato através da comunicação, e pode ser visualizado nas edificações, utensílios, objetos, remédios caseiros, entre outros, que envolvem o aproveitamento de plantas.

O número de plantas citadas pelos assentados é de grande expressão, levando em consideração especialmente esses três aspectos: diversidade de espécies, finalidades das plantas e quantidade de locais nos quais a população reconhece e obtém essas plantas.

Considera-se que o alto conhecimento dessa comunidade pode ser justificado pela origem dessas pessoas, já que 91% dos participantes sempre moraram no campo, ou residiram

na cidade por algum tempo, mas ainda assim são de origem camponesa, pois os avós e pais foram trabalhadores rurais ou proprietários de terras.

Foram registradas onze etnocategorias, com a medicinal reunindo o maior número de plantas, seguida pela etnocategoria construção. Constatou-se que as pastagens locais e o quintal constituem o espaço de maior importância para a obtenção de plantas, que são utilizadas no cotidiano da comunidade.

A família botânica de maior destaque foi a Fabaceae, as espécies dessa família se destacam no potencial madeireiro. Esse potencial de uso também fica exposto em relação à parte das plantas mais utilizada, que é o lenho.

Nos aspectos identificação, número de citações e número de categorias de uso indicadas, o Jatobá-da-mata teve destaque. Essa planta foi reconhecida por 100% dos entrevistados tanto na bancada de frutos e sementes, como na turnê-guiada, e segundo os mesmos ela pode ser utilizada para fins medicinais, o fruto serve para uso trófico e a madeira em construções diversas.

A partir destas observações verifica-se que o valor do conhecimento vai muito além da academia, pois aquele que é repassado de geração a geração, através das populações tradicionais, neste caso homens de origem do campo, mantém informações que muitas vezes se perdem juntamente com a fragmentação dos biomas, deixando uma grande lacuna de valiosas informações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB´SABER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**, São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.
- ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: Comunigraf Editora, 2008. p. 41-72.
- ALBUQUERQUE, U. P. Etnobotânica aplicada para a conservação da biodiversidade. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. 2. ed. Recife: Comunigraf Editora, 2008. p. 227-240.
- ALMEIDA, M. G. A captura do Cerrado e a precarização de territórios: um olhar sobre sujeitos excluídos. In: ALMEIDA, M. G. (org.). **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Editora Vieira, 2005, p.115-128.
- ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B. Etnoecologia ou etnoecologias? Encarando a diversidade conceitual. In: ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B.; PERONI, N. (Orgs.) **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010. vol. 3, p. 19-39.
- AMOROZO, M. C. de M. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, U. P. de. et al. **Atualidade em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. Recife: NUPEEA, 2006. vol. 1, p. 123-131.
- ARAÚJO, M. M. de; **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais no Assentamento Santo Antonio, Cajazeiras, PB, Brasil**. Cajazeiras, PB: UFCG. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Campina Grande, 2009.
- BARBOSA, A. S. Quinze Gerações mutilaram o ambiente que 550 preservaram. In: **Antiplano - Revista do Cerrado**, Goiás, Brasil - Primavera de 2003. Disponível em: <http://www.altiplano.com.br/AltairDestruirAmbiente.html>. Acesso em: 25 nov. 2011.
- BENINCÁ, M. da C. **O uso de indicadores socioambientais para avaliação do Assentamento Santa Rita, em Jataí-GO**. Jataí, GO: UFG, 2010. Monografia de especialização, Universidade Federal de Goiás, 2009.
- BERGAMASCO, S. M. P. P. A realidade dos assentamentos por detrás dos números. **Estudos avançados**, São Paulo, v.11, n. 31, p. 37-49, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141997000300003&script=sci_arttext > Acesso em: 20 maio. 2013.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 484 p.
- BRASIL/IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE**, 2010.
- CAMPOS FILHO, E. M. (Org.). **Manual do plantador**. São Paulo: ISA, vol. 1, 2009, 40 p. (Coleção plante as árvores do Xingu e Araguaia). ISBN: 978-85-85994-68-6.

CARNIELO, M. A. **Estudo etnobotânico nas comunidades de Porto Limão, Porto Alambrado e Campo Alegre, na fronteira Brasil-Bolívia, Mato Grosso, Brasil**. Rio Claro, SP: UNESP, 2007. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de São Paulo, 198 f.

CARVALHO, I.S.H.de. Conservação da biodiversidade no Assentamento Agroextrativista Americana (Grão Mogol-MG). In: **Encontro da Rede de Estudos Rurais**, 4., 2010, Curitiba. Anais eletrônicos... Curitiba: UFPR, 2010. Disponível em: <<http://www.redesrurais.org.br/sites/default/files/Conserva%C3%A7%C3%A3o%20da%20biodiversidade%20no%20Assentamento%20Agroextrativis.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2011.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM INFORMAÇÃO AMBIENTAL (CRIA). **Lista de Espécies da Flora do Brasil 2012**. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012>> Acesso em 10 jan. 2013.

CHRISTOPHERSON, R. W. **Geossistemas**: uma introdução à geografia física. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2012. p. 647-673.

COUTINHO, L.M. O conceito de Bioma. **Acta Botanica Brasilica**, Bahia, vol. 20, n.1, p.13-23, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/abb/v20n1/02.pdf>>. Acesso em 25 nov. 2011.

DEMO, P. Pesquisa qualitativa: busca de equilíbrio entre forma e conteúdo. **Revista Latino Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, v.6, n.2, p.89-104, abril. 1998.

FARIAS, M. F. L. **Lavouras e sonhos: as representações camponesas nos assentamentos de reforma agrária**. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/11/7_Farias_n_11.pdf> Acesso em: 20 jul. 2012.

FERNANDES, B. M. **Movimento social como categoria geográfica**. Terra Livre, São Paulo, n.15, p.59-85, 2000.

FERNANDES, B. M. **Questão agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001. Coleção Questões de Nossa Época (v. 92).

GOBBI, W. A. de O. Modernização agrícola no cerrado mineiro: os programas governamentais da década de 1970. **Caminhos de Geografia** – revista on line, Uberlândia, v.11, p. 130-149, fev.2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15330>>. Acesso em: 29 maio. 2012.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GUARIM NETO, G. **Refletindo sobre ambiente e cultura – a etnobiologia, a etnoecologia, a etnobotânica**: o saber tradicional instalado e mantido. Tangará da Serra, MT, jun. 2008. Disponível em: <need.unemat.br/3_forum/artigos.html>. Acesso em: mar. 2012.

GUARIM NETO, G. Recursos medicinais de espécies do cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**. vol. 17, n. 4, 2003. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/abb/v17n4/a09v17n4.pdf> > Acesso p. 561-584. em 28 fev. 2013.

GUARIM NETO, G.; SANTANA, S. R.; SILVA, J. V. B. Notas etnobotânicas de espécies de Sapindaceae Jussieu. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, vol. 14, n.3, set/dez, 2000, p. 327-334.

HANAZAKI, N. Conhecimento caiçara para o manejo de recursos naturais. In: ALBUQUERQUE, U. P. de. et al. **Atualidade em etnobiologia e etnoecologia**. 2. ed. Recife: NUPEEA, 2006. vol. 1, 17-23 p.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZACAO E REFORMA AGRARIA (INCRA). Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/index.php/reforma-agraria-2/projetos-e-programas-do-incra/relacao-de-projetos-de-reforma-agraria/file/1115-relacao-de-projetos-de-reforma-agraria>>. Acesso em 27 mar. 2012.

INSTITUTO SOCIEDADE POPULAÇÃO E NATUREZA (ISPN). **O bioma ameaçado**. Disponível em: <<http://www.ispn.org.br/o-cerrado/o-bioma-ameacado/>>. Acesso em 29 jul. 2012.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL 2013. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>> Acesso em: 11 jun. 2013.

KLINK, C. A.; MACHADO, R. B. A conservação do Cerrado brasileiro. **Megadiversidade**, vol.1, n. 1, julho, 2005, p. 147-155. Disponível em: <http://www.conservacao.org/publicacoes/files/20_Klink_Machado.pdf>. Acesso em 20 maio. 2013.

MACHADO, R.B., M.B. RAMOS NETO, P.G.P. PEREIRA, E.F. CALDAS, D.A. GONÇALVES, N.S. SANTOS, K. TABOR E M. STEININGER. **Estimativas de perda da área do Cerrado brasileiro**. Relatório técnico não publicado. Conservação Internacional, Brasília, DF, 2004. 23 p.

MARQUES, M. I. M. **De sem-terra a “posseiro”, a luta pela terra e a construção do território camponês no espaço da reforma agrária**: o caso dos assentados nas fazendas Retiro e Velha – GO. 2000. 240 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARTINS, J. de S. **A Sociedade vista do Abismo**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

MARTINS, A. P. **Bacia do Ribeirão Santa Fé (MG)**: análise da dinâmica hidrológica e dos impactos da irrigação por pivô central aos mananciais superficiais. Uberlândia, MG: UFU, 2007. Monografia de graduação, Universidade Federal de Uberlândia, 2007.

MATOS, P. F. de; PESSÔA, V. L. S. Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária. In: RAMIRES, J. C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Orgs.) **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis Editora, 2009. p. 279-291.

MENDES, L. P. **Etnoecologia dos pescadores e marisqueiras da vila de Garapuá/BA**. Monografia de graduação, Instituto de biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

MENDONÇA, M. R. Terra, trabalho e movimentos sociais cerradeiros. In: **A urdidura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do sudoeste goiano**. Presidente Prudente, SP: UNESP. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, 2004, cap. 5, p. 334-415.

MENDONÇA, M. R.; PELÁ, M. O cerrado goiano numa encruzilhada de tempos: os territórios em disputa e as novas territorialidades do conflito. **Revista Geográfica de América Central**, Costa Rica Número Especial EGAL, 2011-, II Semestre 2011 p. 1-18.

MENEZES, B. B.; LEMOS, R. E.; SCOPEL, I.; PEIXINHO, D.; TOMMASELLI, T. G. J.; COSTA, M. Uso e ocupação agropecuária no Cerrado brasileiro: transformações da paisagem e seus impactos ambientais no estado de Goiás. In: **Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL)**, 12., 2009, Montevideu: Uruguai. Anais eletrônicos... Disponível em: <http://egal2009.easyplanners.info/area07/7063_Bizarro_Menezes_Bruna.pdf> Acesso em 25 nov. 2012.

MENEZES, R.; SOUZA, B. I. de. Manejo sustentável dos recursos naturais em uma Comunidade rural do semiárido nordestino. **Cadernos do Logepa**. João Pessoa, v. 6, n. 1, p. 41-57, jul./dez. 2011. ISSN: 1677-1125. Disponível em: <www.geociencias.ufpb.br/cadernosdologepa>. Acesso em: 15 jan. 2012.

MENEZES NETO, A. J. de. Globalização e modernização nas relações sociais no campo e o projeto educativo do MST. **Contexto e Educação**, Editora Unijuí, ano 11, nº 47, 1997.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/plantas_medicinais.pdf> Acesso em: 20 fev. 2012.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). Unidades de conservação dos biomas Cerrado e Pantanal. In: **Cerrado e Pantanal**. Brasília, parte II, cap. 4, p. 379-386. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/chm/_arquivos/cerrado_pantanal.pdf> Acesso em: 14 maio. 2013

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE (MMA). **Relatório técnico do monitoramento do Cerrado**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/sbf_chm_rbbio/_arquivos/relatoriofinal_cerrado_2010_final_72_1.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2012.

NIMER, E. Climatologia da região Centro-Oeste. In: **Climatologia do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, Departamento de recursos naturais e estudos ambientais, 1989. p. 391-419.

OLIVEIRA, A. U. **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH/Labur Edições, 2007.

PEREIRA, F. M.; CARVALHO, C.A.; NACHTIGAL, J. C. Século XXI: nova cultivar de goiabeira de dupla finalidade. In: **Revista Brasileira de Fruticultura**, Jaboticabal - SP, v. 25,

n. 3, p. 498-500, dezembro 2003. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/rbf/v25n3/18677.pdf>>. Acesso em 11 jun. 2013.

PINTO, M. P.; DINIZ FILHO, J. A. F. Biodiversidade no Cerrado. In: ALMEIDA, M. G. (org.). **Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade cultural**. Goiânia: Editora Vieira, 2005, p.115-128.

POSEY, D. Introdução à etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (Ed.) **Suma Etnobiológica Brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1987, p. 15-25.

RADAMBRASIL: **Levantamento de recursos naturais, geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da Terra**. Rio de Janeiro: MME. 1983, v. 31. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv17157.pdf>> Acesso em: 07 jun. 2013.

RIBEIRO, J.F. WALTER, B.M.T. As principais fitofisionomias do bioma cerrado. In: Sano, S.M.; Almeida, S.P.; RIBEIRO, J.F. (eds.). **Cerrado: ecologia e flora**. Planaltina: Embrapa-CPAC, 2008, vol. 01, p. 153-212.

SACHS, I. Brasil rural: da redescoberta à invenção. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol.15, n.43, p. 75-82, set./dez. 2001.

SCHIPPMANN, U.; LEAMAN, D.J.; CUNNINGHAM, A.B. **Impact of cultivation and gathering of medicinal plants on biodiversity: global trends and issues**. Rome: FAO, Inter-Department Working Group on Biology Diversity for Food and Agriculture, 2002. 155p. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/AA010E/AA010e00.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2013.

SCOPEL, I.; MARIANO, Z. F. Tendência de aumento na temperatura do ar no município de Jataí-GO. In: Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica, 5, 2002, Curitiba. **Anais...** - Mudanças globais e especificidades climáticas regionais e locais. Curitiba-PR : UFPR, 2002. v. 1. p. 240-243.

SCOPEL, I.; PEIXINHO, D. M.; SOUSA, M. S. **A formação de areais e seu controle na região de Jataí e Serranópolis/GO**. Relatório final do Projeto. Jataí/GO: PROINPE/SECTEC-GO, 2005. 155 f.

SERVIÇO FLORESTAL BRASILEIRO (SFB). **Florestas do Brasil em resumo – 2010: dados de 2005 - 2010**. Brasília: SFB, 2010. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/182/_arquivos/livro_de_bolso___sfb_mma_2010_web_95_182.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2012.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DO ESTADO DE GOIÁS (Seplan). Superintendência de Pesquisa e Informação (Sepin). **Estatísticas Municipais**. Disponível em <http://www.seplan.go.gov.br/sepin/perfilweb/estatistica_bde.asp>. Acesso em 11 jun. 2012.

SHIVA, V. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003, 240 p.

SILVA, J. S.; CARVALHO, J. N. F. de; TEIXEIRA, W. S.; FRANCO, I. O.; RIBEIRO, D. D. Importância do uso de plantas medicinais em comunidades rurais no sudoeste de Goiás. In: **Cadernos de Agroecologia**, vol. 5, n.1, 2010, p. 1-4.

SOUTO, F. J. B. Tudo tem seu lugar. Uma bordagem etnoecológica das ecozonas em uma comunidade pesqueira no litoral da Bahia. In: ALVES, A. G. C.; SOUTO, F. J. B.; PERONI, N. (Orgs.) **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. Recife: NUPEEA, 2010. vol. 3, p. 145-161.

SOUZA, L.F. Recursos vegetais usados na medicina tradicional do Cerrado (comunidade de Baús, Acorizal, MT, Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.9, n.4, p.44-54, 2007.

STEENBOCK, W. Etnobotânica, conservação e desenvolvimento local: uma conexão necessária em políticas do público. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.de; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M. de; ALBUQUERQUE, U.P. de. **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: NEPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. vol.3, p. 65-84.

VIVAN, J.L. Etnoecologia e manejo de recursos naturais: reflexões sobre a prática. In: KUBO, R.R.; BASSI, J.B.; SOUZA, G.C.de; ALENCAR, N.L.; MEDEIROS, P.M. de; ALBUQUERQUE, U.P. de. **Atualidades em etnobiologia e etnoecologia**. Recife: NEPEEA/Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2006. vol.3, p. 45-64.

WWF BRASIL. **UCs federais mantêm metade da fauna ameaçada do Cerrado**. Disponível em: < <http://www.wwf.org.br/?28203/UCs-federais-mantm-metade-da-fauna-ameaada-do-Cerrado> > Acesso em 20 maio. 2012.

APÊNDICE A – Entrevista semi-estruturada utilizada como instrumento de pesquisa junto aos assentados no Assentamento Santa Rita em Jataí (GO)

Entrevista Nº _____ Data: ____/____/____

Assentamento: _____ Lote: _____

Nome: _____ Sexo: () Feminino () Masculino

Estado Civil: _____ Idade: _____ Quantos filhos? _____

Tempo de residência no local: _____ Onde morava anteriormente? () Cidade () Campo

Nível de escolaridade: () Nenhum () Fundamental incompleto () Fundamental completo () Ens. Médio incompleto
() Ens. Médio completo () Superior incompleto () Superior completo () Outros. Qual? _____

1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO LOTE:

a) O senhor (a) planta alguma coisa no seu lote? () sim () não. O que planta? _____

b) O senhor tem criação de animais? () sim () não. Que tipo de animais? _____

c) Que outra atividade o senhor desenvolve no lote? _____

2- INFORMAÇÕES SOBRE O CERRADO

a) O que o senhor (a) sabe sobre plantas e animais da mata foi transmitido ou ensinado por alguém, por exemplo seus pais, avós ou outras pessoas? _____

b) Usa as plantas do cerrado para fazer chá, tintura, remédio caseiro, ou de outra forma para curar alguma doença? _____

c) Quando faz uso? () sempre () de vez em quando () muito raro () nunca

- d) E para se alimentar, gosta de algum fruto do cerrado? _____
- e) O senhor pega mudas ou sementes da mata para replantar em outro lugar? _____
- f) Sobre as plantas, sementes ou mudas, sabe reconhecê-las no meio da mata? _____
- f) O senhor coleta sementes, galhos, folhas, casca de árvores ou frutos pra fazer enfeite na casa? _____
- g) Quais as plantas que conhece? Preencher a tabela de acordo com seu conhecimento:

Planta	Uso: Frutífero, artesanal ou medicinal	Para quais doenças	Parte da planta que é usada	Como prepara	Porte da planta	Própria do cerrado ou cultivada em casa